

# Mounta**in** voices

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XIX | #171 | jan/fev 2020



**CESAR GROSSO,  
TETO DO BAÚ  
EM LIVRE**

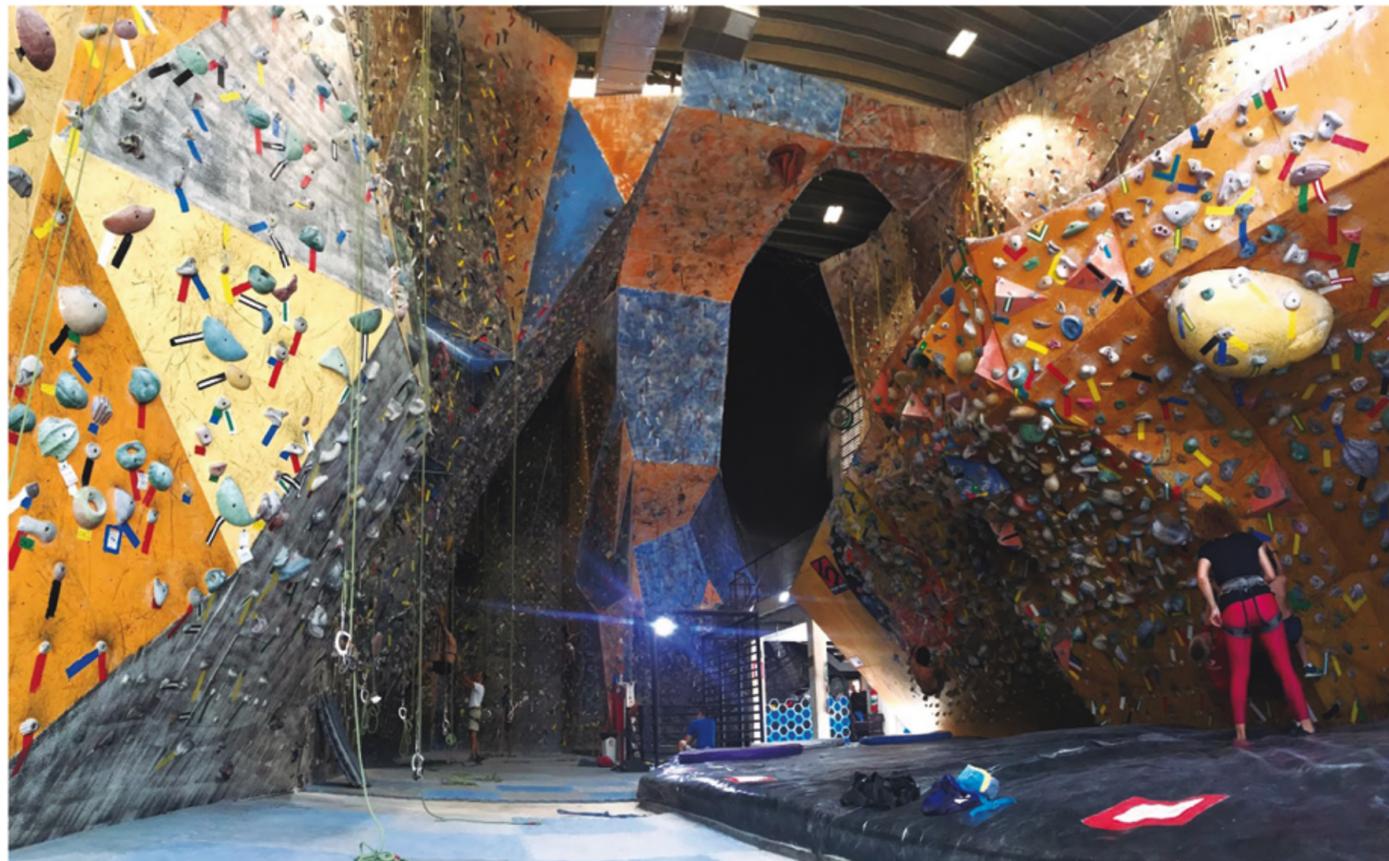
**ESPORTIVA**

**RESISTÊNCIA**  
MINERAÇÃO, NÃO!

**ESCALADA**

**CHAPADÕES DE CERRADO  
ESPINHAÇO**

**MONTANHISMO**



**A ALMA DAS MONTANHAS NO CORAÇÃO DE SÃO PAULO**  
**TOP ROPE • BOULDER • MURO DE VELOCIDADE • GUIADA • MUSCULAÇÃO**

**Perdizes**  
 Rua Venâncio Aires, 31  
 tel. 11 3879-6800



**Moema**  
 Al. dos Guaramomim, 256  
 tel. 11 4563-2903

# Fortalecimento e aprendizagem

Ontem assisti por acaso, e não na íntegra o filme sobre Tommy Caldwell e sua ascensão junto ao Kevin Jorgeson, não sei exatamente o ano, talvez 2018, talvez mais antigo, do big wall Dawn Wall no El Capitan em Yosemite, em 19 dias, escalada livre. Mas o texto obviamente não é sobre esse feito, indiscutivelmente e notavelmente é uma escalada incrível, no granito mais conhecido do mundo vertical e todos os aspectos conhecidos por todos sobre a dificuldade, tempo de permanência na parede, psicológico (Jorgeson teve que repetir a décima quinta enfiada por 7 dias), preparação física impensável, imobilidade por tanto tempo na vertical, e tudo o mais, mas o mais impressionante pra mim da vida de Tommy e do filme diz respeito a sua personalidade.

## Alessandra Arriada

No yoga e na psicologia positiva dizemos que os indivíduos de uma maneira geral podem apresentar dois tipos de personalidades, A ou B. A personalidade tipo B frente a uma situação de estresse apresenta sintomas físicos e mentais acentuados como melancolia, depressão, perda de apetite, diminuição de rendimento no trabalho, irritabilidade, apatia, fracasso nos relacionamentos. Dorme em demasia, faz uso de remédios, tem crises de ansiedade e ou crises de pânico e pode pensar em suicídio. A tipo A ao vivenciar uma crise toma a experiência como elemento ou ferramenta motivacional e se utiliza como objetivo, meta, desafio, onde, de uma maneira racional, calculista e mesmo obsessiva algumas vezes, mobiliza todas suas habilidades para superar-se, tendo em vista um objetivo maior. O fator estressante funciona como um catalisador onde a reação pode ser trágica, drástica para alguns, mas para ele simplesmente aciona partes de seu funcionamento acessíveis somente em emergências, digamos assim. Claro, ninguém é exclusivamente A ou B, ninguém é mais nem menos, super homem, mulheres maravilha, inatingíveis, in-

superáveis, impassíveis e impermeáveis, não é isso. Mas existem pessoas, como Tommy, com infâncias terríveis, pais subjugadores, físico franzino, capazes de darem as costas para as expectativas ao se tornarem os melhores, a partir de um esforço para modificar o que parecia impossível. Ou ainda, após um divórcio traumático, estabelecerem objetivos grandiosos, como uma via como a Dawn Wall. Mais ainda, Tommy perdeu um dedo, em um acidente doméstico. Sendo escalador profissional, muitos afirmaram, deu, final de carreira para Tommy Caldwell. Mas, pelo desafio, pelo orgulho, ou provavelmente pela simples característica de simplesmente seguir em frente dando o seu melhor aconteça o que acontecer, ele seguiu, treinou mais e mais, e encontrou o seu jeito. Personalidades A sofrem sim, pra caramba. Ele mesmo afirmou em seu filme: com o término do meu relacionamento (com a também escaladora Beth Rodden) me senti devastado, e ainda contam de uma provável depressão do atleta. Mas contam também de sua incrível disciplina para escrever o livro que deu origem ao filme (escrevia horas por dia, ininterruptamente) e mesmo a rotina absurda de treinos

com a mão deficiente.

Os estudos em psicologia definem a personalidade tipo A por três características: competitividade, senso de urgência e hostilidade. Essas três facetas se manifestariam principalmente em situações de estresse, exigência e desafios. Ou seja, uma pessoa com padrão tipo A não vai ser competitiva e impaciente sempre nos diferentes aspectos de sua vida pessoal, mas mostrará essas características em determinadas situações. Elas mostram uma orientação para a conquista, ou seja, procuram dar o melhor de si e se destacar positivamente do restante. A competitividade do padrão tipo A também leva a um alto nível de autoexigência e busca pelo sucesso em praticamente tudo que se faz. Porque para alguém com uma personalidade do tipo A, atingir um objetivo é uma experiência satisfatória em si mesma e é algo muito reforçador para o seu cérebro; de fato, alcançar um objetivo ativa a via de recompensa cerebral nessas pessoas.

Em situações de estresse, o padrão de personalidade tipo A se distingue por mostrar facilmente um alto nível de hostilidade em forma de agressividade verbal, gestual e até mesmo

física. Isso talvez explica que Tommy, após terminar a escalada com Jorgeson, afirmou não considerá-lo amigo, somente um parceiro de escalada, sugerindo a especulação de algum atrito entre eles.

Em resumo, frente a uma situação absurda, B reage com passividade e mesmo apatia, e A, é reativo ou mesmo Proativo. Portanto, o equilíbrio seria o ideal, há características positivas em se manter calmo e devagar, inclusive menor risco de desenvolvimento de doenças vasculares, hipertensão, envelhecimento, além de ser geralmente um problema de convivência, já que geralmente são pessoas de personalidade bem forte, exigentes, impacientes, necessitando estratégias de gestão emocional ou mesmo psicoterapia.

Com tudo isso, vimos e apreciamos o tão único e complexos somos. O externo ora nos motiva, ora nos paralisa. O sofrimento ora nos anestesia, ora nos derruba. O amor ora nos preenche, em outros tempos nos devasta. Cabe a nós, acessar nossas experiências e realizar a mediação ao nosso processo de aprendizagem: nos mata ou nos fortalece?

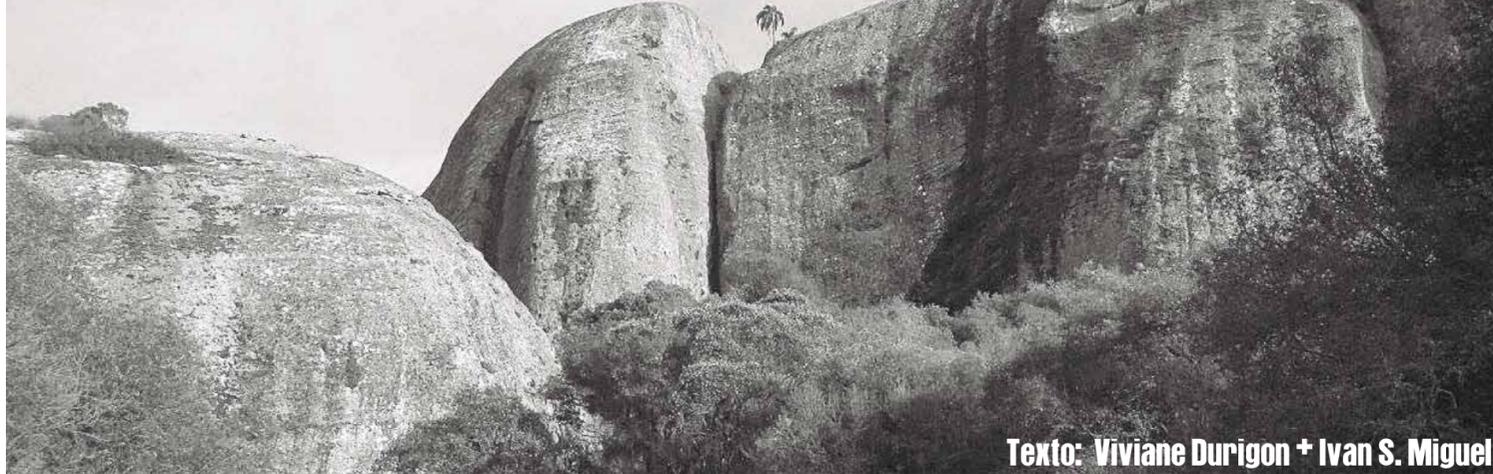


**Solo**  
 Outdoor & Travel

#JourneyLife

solo.ind.br | solo.br

# MINERAÇÃO, NÃO!



Texto: Viviane Durigon + Ivan S. Miguel

Bagé! Um paraíso de escalada que resiste! Uma das teorias sobre a etimologia do nome Bagé é que deriva da palavra “baag”, cujo significado é “lugar onde se volta” (Wikipédia), e uma vez que você visita a Casa de Pedra, como é chamado o local, imediatamente entende o porquê dessa ideia. Essa maravilhosa zona de escalada fica a 75 quilômetros da cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul, e se você é escalador ou escaladora, certamente vai querer visitá-la.

As primeiras conquistas de vias datam dos anos setenta, quando alguns escaladores gaúchos aventuraram-se ao tentar o cume do Pico do Morcego, Norton Schreder, Irene Fernandez, Roberto Capelari e Edgar Kittelmann abriram a “*Via dos Marimbondos*” (A0/5°). Hoje o local conta com vários setores que reúnem mais de 100 vias, de 10 a 100 metros de altura, com dificuldades de III a 10º grau, variando entre escalada esportiva, clássica e tradicional.

O tipo de rocha predominante é o conglomerado de diversos tamanhos e formas, sendo que para aqueles que nunca tenham escalado nesse tipo de rocha, assemelha-se às agarras de um ginásio, com inúmeras opções que vão diminuindo conforme o grau da via aumenta. O estilo com que está equipada o local é de vias conquistadas desde baixo, variando de acordo ao tipo de via, sendo que nas esportivas as proteções estão mais perto uma da outra, e nas clássicas vão ficando mais longe dependendo de quão fácil seja a escalada. Como em quase qualquer setor, isso requer um período de adaptação por parte do escalador, para se acostumar ao tipo de rocha e ao estilo. No entanto, depois de um par de vias, aprende-se a confiar nos seixos e se desfruta da inumerável quantidade de opções de agarras.

Torna-se difícil recomendar algumas escaladas na região, pois a quantidade de vias alucinantes é enorme. Porém, poderíamos dizer que dentro das clássicas você não pode perder de escalar “*Entre o sol e a lua*” (Vsup) e “*Papagaio pirata*” (VI), essa última chega no cume do Pico do morcego e é uma via histórica do lugar. Para vias de escalada esportiva, o setor “T-Rex” é uma parede majoritariamente negativa, que permite a escalada em dias de chuva, onde existem vias de excelente qualidade, como, por exemplo, “*Raptor*” (7a), “*Pe-relecas Contra-atacam*” (7b) e “*Minha*” (8a). Os escaladores locais são extremamente receptivos e quase sempre estão dispostos a acompanhar ou dar dicas àqueles que queiram conhecer o lugar. Existe um camping selvagem, a dez minutos caminhando até as paredes, onde você pode montar sua

barraca embaixo de um paradisíaco bosque de vegetação nativa, ao lado de um pequeno riacho. Quando falamos “selvagem” queremos dizer que não há luz nem banheiro, por isso é conveniente ir preparado para tomar banho nas poças d’água que se formam no riacho; ter lanterna e algum tipo de iluminação para o acampamento; e levar sua pazinha para enterrar suas fezes. No setor há uma pequena caixa d’água que armazena água filtrada naturalmente pelas rochas do lugar, é 100% confiável beber dessa fonte, mas é pequena, e, portanto, é conveniente não utilizar ela para lavar. A temporada ideal para visitar Bagé seria outono ou primavera, já que no inverno as temperaturas baixam bastante por causa do vento, e no verão os marimbondos literalmente tomam conta do lugar. Segue ao final do texto alguns links interessantes para obter maior informação.

O fato é, que este lugar tão autêntico e ímpar, há 3 anos vem sofrendo uma grave ameaça: as consequências da mineração. No entanto, uma importante luta vem se fortalecendo por lá e por ela, este ano somaram-se mãos para organizar um bellissimo encontro no feriado de 15 de novembro, último, o qual tinha o intuito de reunir escaladores e comunidade local, para aprofundar e difundir essa causa. Mochilas postas, parcerias engatilhadas e coordenadas no GPS, para estes 3 dias todos os caminhos levariam à Casa de Pedra. Não foram apenas os olhares capitalistas que se voltaram ao pequeno grande paraíso em Palmas/ Bagé. Mas a de uma aguerrida comunidade, que muito antes dos olhos, o coração e seus ancestrais já o habitava e respeitava. Não deve haver no RS um escalador que já não tenha ouvido falar desta bela cadeia rochosa de conglomerado, que salienta o Pampa Gaúcho e intriga curiosos.

Para aqueles que já conhecem suas vias desafiadoras, seja na forma física ou mental, também sabem a grande recompensa de chegar em seus cumes e esbaldar-se com um horizonte infinito, que se funda entre o azul celeste e o verde de seus ricos campos. O 1º Agrupa Climb foi o chamado que faltava para que tantas promessas fossem cum-

pridas e essas paredes, conhecidas por mais tantos outros. Antes mesmo do sol nascer não sobrava tempo para a poeira do Corredor Lexiguana repousar ao chão, iniciava a chegada, escaladores, moradores locais, pesquisadores, apoiadores, curiosos, cada um com suas bagagens, realidades e motivos, porém, pela mesma causa: Amor e respeito a um lugar!!

O sol realçou o brilho de dias incríveis, onde quer que mirasse, havia escaladores, colorindo as paredes e motivando quem chegasse. Gritos e urros empurravam pra cima quem fazia força nas vias.

A escalada, por vezes, confunde-se em ser um esporte coletivo ou não, no entanto, coletividade foi justamente a palavra que definiu esses dias, tanta união, tanta alegria, motivação, uma seg aqui, um beta ali, um clip pra cá, um grito de “kmon” pra lá.

A competição da escalada se dá entre o escalador e a rocha, mas o que permanece mesmo está na base, história e parceria. Não existe gênero, idade ou mentira, quem se coloca na pedra despe-se de tudo e revela tanto sua força, quanto fraqueza, sem preocupar-se com julgamentos. A escalada liberta!

Na primeira noite, com nosso acampamento tomado pelo cheiro do famoso churrasco de fogo de chão, preparado com muita destreza pelos moradores locais, fomos inundados de emoção, ao assistirmos o Dossiê Videntes – O Pampa Viverá. Um riquíssimo compilado de razões, muito bem embasadas, pelas quais essa comunidade luta contra mineração naquele local.

Presenciamos nesses dias, a simplicidade e felicidade pura e genuína. Pessoas completamente conectadas com suas origens, que tem razões suficientes para, como elas várias vezes repetiram, “lutar até a última gota de sangue” em respeito à natureza e seus ancestrais, pelos seus descendentes. Qualquer um de nós ali, conseguia entender e sentir, a necessidade e a urgência que essa causa exige. Que levemos ela adiante era o único apelo, ter o nosso apoio era o único desejo. Eles não querem quem colo-

que preço em suas terras, mas quem entenda o valor que elas têm para várias gerações e uma região inteira.

Por isso, unidos numa só voz: Mineração aqui não! Ao raiar o dia, avistando de longe em nosso acampamento, ao fundo a imponente Casa de Pedra, ladeada pelo Pico do Morcego e Ninho das Águias, só uma sensação vinha a mente: Estamos na “Piedra Parada dos Pampas”! A pampagônia existe!! Seguida de mais um dia de escalada e muita diversão, à noite fomos novamente agraciados com um emocionante relato, feito pelo escalador Edemilson Padilha, contando sobre a conquista da Via Resistência. Simplesmente de tirar o fôlego e que vinha completamente ao encontro do grande motivo que ali nos reunia: a resistência!

Resistência de toda uma comunidade, de várias cidades, ali representadas por um grupo de aproximadamente 400 pessoas que passaram pelo encontro, durante os 3 dias, com o intuito de manter a luta viva, atuante e agregadora.

E então, pela primeira vez, senti que a escalada não alimentava apenas uma vontade minha, mas que representava naquele momento algo maior.

Só podemos agradecer imensamente pela garra e iniciativa do casal Gabriel Tomaszewski Netto e Carol Cougo, todo o apoio recebido pelo AgrUPA, através da infraestrutura e alimentação, que não mediram esforços para chamar a galera e oferecer um acampamento de luxo a todos. Até banheiros! Certamente, a Casa de Pedra, agora tem ainda mais apaixonados e eternos defensores. Não somente pelas lindas vias que possui, ou as paisagens cênicas incomparáveis, mas porque agora ela nos está resignificada pelo sentimento de amor e pertencimento do povo que ali vive.

Deixo apenas uma palavra para resumir: Coragem! Do latim para o português, a palavra coraticum, significa literalmente “ação do coração”. Seguimos todos agindo com o coração! E que a escalada siga nutrindo o nosso.

# Duvidando do impossível

Cesar Grosso e um dos projetos mais ousadas da escalada esportiva brasileira.



ROSITA BELINKY

André Berezoski | SP

Fico imaginando os primeiros humanos ao assistirem locais com ondas gigantes e se desafiarem a buscar a sensação em ser o primeiro surfista a dropar uma onda em Nazaré ou em Jaws. Aquele momento de pânico suportado pela experiência e vigiado por uma equipe de salvamento e suporte. Aquele momento de deixar a onda te levar, deslizar, desfrutar e conquistar uma imensa massa de água que te desafia, mas ao mesmo tempo o convida a criar uma conexão entre natureza e ser humano e de quebra um marco histórico é atingido.

A visualização de uma montanha, um boulder, uma grande parede ou trecho de rocha, sempre nos instigou a busca pelo desafio do desconhecido, e o teto da Pedra do Baú, em São Bento do Sapucaí, interior de São Paulo, é um destes pontos no planeta que exerce essa atração inexplicável, onde mais precisamente nos anos 70, despertou em um grupo de escaladores uma inquietude que os motivou a passar por este trecho de 30 metros, totalmente expostos ao vazio. Em 1979, Jorge Naval, Prata e Montenegro se penduraram ali e colocaram mais de 40 grampos para uma escalada em artificial justamente para vivenciarem esta experiência de estarem ali, onde nenhum humano havia se colocado em tal situação

e, com certeza, viveram e proporcionam até hoje momentos únicos neste local. Assim como uma legião de surfistas cruza o mundo para se desafiarem nas ondas de Nazaré ou Jaws, César Grosso cruzou o Atlântico, vindo da Itália, com o feeling de que a sua conexão com São Bento do Sapucaí e aquele trecho de rocha poderiam escrever mais um excelente episódio da história da escalada nacional.

## Preparativos

Para isso, todo o projeto teve que ser muito bem organizado no sentido de que a logística era infinitamente mais complicada do que a tentativa de escalar uma via esportiva de alta dificuldade. A linha em questão, só feita em artificial até então, para começo de conversa, não começa do chão e não está em uma falésia com várias outras linhas esportivas, com base plana, acesso rápido ou com todas as facilidades. A via está a uma hora de carro (saíndo de São Bento do Sapucaí), mais uma caminhada atrelada a uma complexa aproximação escalando até a base da via. A regrampeação também teve que acontecer, assim como uma limpeza completa das agarras podres e parede suja. A descoberta dos movimentos também era complexa, pois a cada queda (no vazio), o retorno a parede (teto) tinha que ser feito por acesso de técnicas verticais (subida pela própria corda). E como se tudo isso já não criasse um cenário fora do cotidiano e complicado, o fator determinante foi sem dúvida o clima, pois este trecho de rocha está dentro de um complexo rochoso que por sua vez faz parte de uma cadeia de montanhas completamente expostos as mudanças climáticas que podem gerar situações de perigo e que fogem ao nosso controle.

Um dos aspectos que ficou evidente neste projeto foi que ele não se resume somente a escalada da via em si, as origens do projeto estão compostas pelo montanhismo raiz, onde a formação de uma equipe de escaladores competentes (Eliseu Frechou, Leonard Moreira e Ana Fujita) foi um dos pontos fortes e essencial não só pela parte de logística e segurança, mas principalmente pelo companheirismo e incentivo praticados na montanha que foram elementos chave. A complexidade da escalada se estendeu até para a captação e registro de imagens do projeto. Murilo Vargas da 100limites vem realizando filmes e projetos na área esportiva justamente por possuir esta capacidade de querer e poder se posicionar em locais de extrema complexidade, difícil acesso e perigo, onde praticamente poucos profissionais da área se dispõem a estar, e a visão do projeto como um todo e de como captar as imagens se converteu em um marco dentro do cenário da escalada nacional, pois a cobertura de todo o processo levou o público a acompanhar a batalha do Cesinha na via com imagens sensacionais. Cesinha, que nos últimos anos vem se dedicando totalmente a escalada de competição e esportiva, sempre foi muito determinado em toda sua carreira como escalador em todas suas vertentes, e a

vontade da concretização deste projeto já era uma ideia de longa data, pois sabia que enfrentaria fatores muito além de estar em plena forma física, do melhor equipamento ou independente do grau. A realização da via é mais uma de suas importantíssimas contribuições para a escalada, tanto pela conexão pelo esporte, mas principalmente pelo respeito histórico de reavivar o espírito desbravador dos conquistadores principais, respeitando a visão original.

Seu foco e resiliência foram fatores determinantes para que acontecesse e o fez ficar longe de casa por 40 dias (para quem não sabe, Cesinha vive em Arco na Itália), e a paciência de não poder tentar, ou chegar lá e ter que voltar pelo clima também foi um extenuante teste. A angústia da corrida contra o tempo para conseguir fazer a via nunca obstruiu seu foco. Sua capacidade técnica e física dispensam apresentações, mas para esta via, o que ficou muito claro foi sua capacidade de gestão psicológica não só pelo aspecto logístico, mas principalmente pela afinidade de tentar uma via como um das maiores, se não a maior sensação de exposição mundialmente falando, ou seja, existe uma grande parcela de escaladores que possui um nível de desempenho altíssimo, mas que só este fator da exposição e logística gera um fator limitante de peso, fora todo o

processo clássico de ficar tentando uma via ou projeto pessoal que já é cansativo mas motivante ao mesmo tempo. Com este feito Cesinha se baseia na evolução da escalada naquele momento de se ter uma via ali no imenso teto, mistura e incrementa as duas modalidades da escalada, uma tendência mundial de fazer em livre linhas até então só feitas em artificial.

Em outras palavras, seria como um surfista deixar de usar a ajuda do jet ski para entrar na onda e literalmente entrar de peito, remando, ficar em pé em uma onda gigantesca, dropar e conseguir sair dali vivo e principalmente com a sensação de êxtase absoluto do momento e repercussão histórica.

Quanto ao grau? Fica a certeza de que não foi um número ou sigla que impulsinou Cesinha a levar adiante o projeto, ter uma linha escalada em livre representa uma evolução da visão do que antigamente era considerado impossível, e hoje é realidade. Poder escalar uma via em livre naquele teto sempre foi um sonho, independente do grau. “O Impossível existe até que alguém duvide dele e prove o contrário”. Meus parabéns, Cesar Grosso.

**André “Belê” Berezoski:** Analista Técnico ABEE e escalador apoiado por Conquista Montanhismo, SBI Outdoor, Belê Pad e SOS Sapatiha.

**BIVAK**  
OUTFITTER

COM OS MELHORES EQUIPAMENTOS

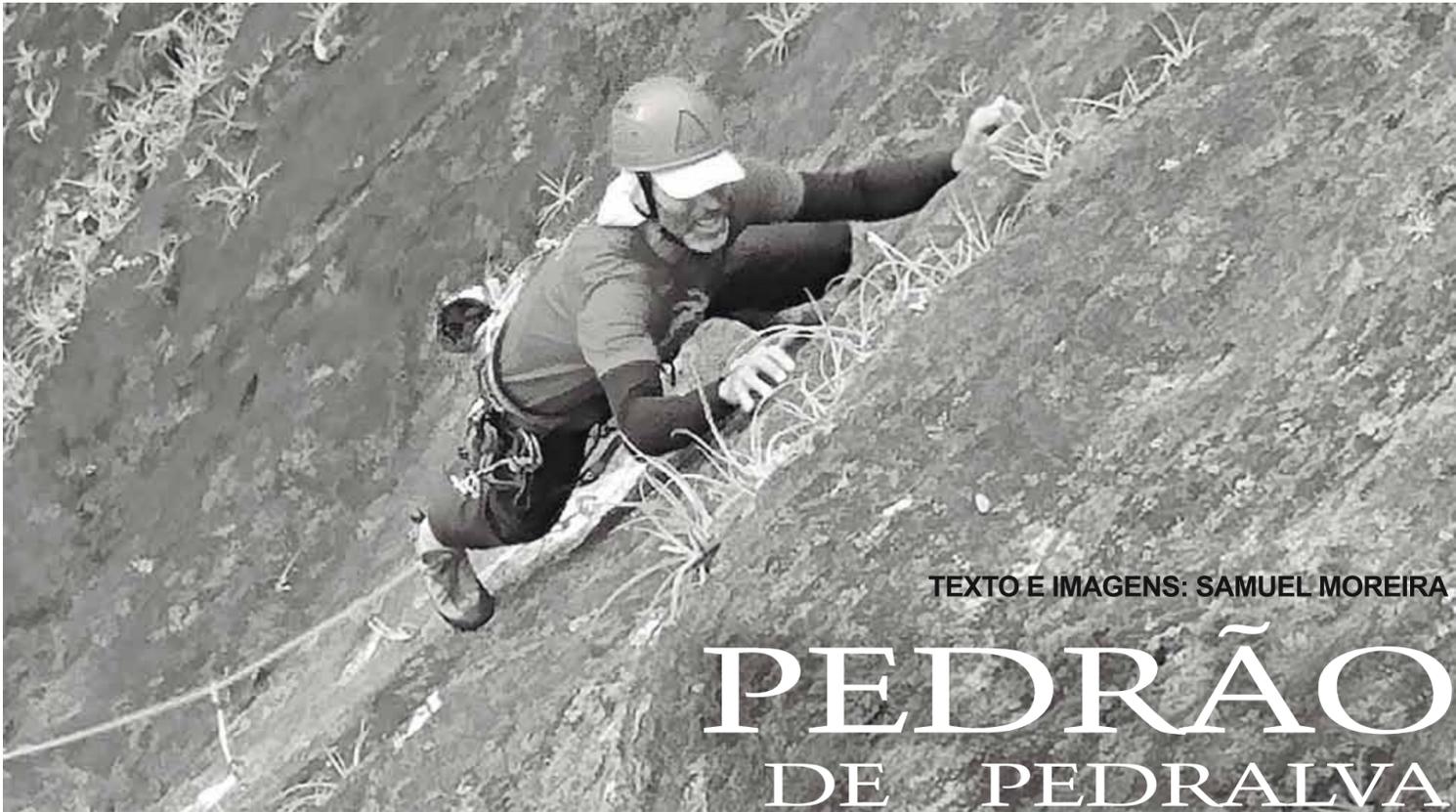
JUNTOS, SUPERANDO EXPECTATIVAS

Loja Virtual: [www.bivak.com.br](http://www.bivak.com.br)  
Telefone: 11 2308-6995  
Rua Caramuru, 523  
Metrô Praça da Árvore, São Paulo

11 99349-1651  
@bivakouffitter  
fb.me/bivakouffitter

produtos de foto: Thiago/Flash / Centro Cultural

[www.mountaininvoites.com.br](http://www.mountaininvoites.com.br)



TEXTO E IMAGENS: SAMUEL MOREIRA

# PEDRÃO DE PEDRALVA

Em julho de 2017, Eu e meu parceiro de escalada Paulada juntamos nossos equipos e partimos para Pedralva para escalar a via *Tião Simão*. Neste dia, passamos pela base de um bonito diedro que iniciava em um trecho vertical e logo se inclinava para esquerda até um grande platô. Dias depois, o Paulada me mandou uma mensagem e perguntou se eu não animava abrir uma via ali! “*E aí doido, sussa? Anima de abrir uma via lá naquele diedro?*” “*Bora mano*”, eu respondi.

Na semana seguinte, dia 12 do mês de agosto de 2017, partimos novamente para o Pedrão e armados com marletele, estribos, chapas camalots e muita disposição, iniciamos a conquista. Peguei a ponta da corda e de cara entrei em um lance bem esportivo, escalei um pouco e quando a coisa apertou, meti um furo pro talon, saquei a metranca e a primeira chapa da via estava instalada. Mal sabia que a próxima seria depois de uns 80 metros depois, rs.

A conquista foi fluindo dentro de um bonito diedro, muito sujo com capim gordura. Estiquei uns 20 metros e desci. Paulada assumiu a ponta da corda e subiu feito um trator limpando tudo e tocou pra cima na conquista até o platô onde montou a P1 em árvore.

Ficamos bem animados pois estava rendendo rápido, e pouco mais a esquerda da P1, outro diedro logo na saída para a segunda enfiada, nos dava as boas vindas. Paulera foi tocando, sacando as peças do rack, protegendo onde dava, e a assim que esticou a corda após um costão, montou a P2 e me chamou junto a ele. Daquele ponto assumi a ponta da corda novamente. A terceira enfiada se mostrou bem bonita no início, em uma diagonal com muitas agarras e fissuras. Fui tocando até chegar em um ponto onde me senti confortável para proteger com uma proteção fixa. Deste trecho em diante rola uma sequência de escalada em artificial A1, que na época da conquista fiz o trecho de aproximadamente 10m apenas com os furos de cliff. Depois, mais lá na frente, intercalamos os furos com um grampo para proteger melhor o lance e democratizar um pouco mais...

## O encontro de escaladores

Depois que finalizei o lance do artificial, finalizamos os trabalhos do dia, e desce-mos a montanha empolgados com a linha incrível em que estávamos conquistando. Na semana seguinte rolou o I Encontro de Escaladores no Pedrão. Não entramos na conquista, mas estávamos lá organizando e participando. Além das histórias sobre as primeiras conquistas, claro, o assunto foi a nova via.

Depois do encontro, devido a encontros e desencontros desta vida agitada, não conseguimos voltar para continuar o projeto, que ficou parado até a temporada de 2019.

## Continuando...

Em 30 de junho deste ano, voltamos para a segunda empreitada. Continuei a conquista após a sequência do A1, na terceira enfiada. Lances lindos e esticados de bons regletes, seguido por uma escalada para a diagonal direita, em lances de imensos buracos cavados pelo tempo na rocha que cabem uma pessoa dentro! E para chegar até a P3, você terá lances lindos bem esportivos num vertical com muitos regletes e agarras. Assim que dominá-los, você será recebido por um belo platô cinco estrelas, com vista a perder de vista no horizonte. Neste dia, o trabalho de limpeza do trecho tomou muito tempo, mas muito tempo mesmo. Retirei muitos cactos que estavam no caminho, além de muita terra acumulada nos platôs, o que nos deixou cansados e com pouco tempo. Após chamar o Paulada na P3, rapelamos e voltamos para casa. Em 14 de julho, voltamos para a terceira

parte da conquista. Escalamos as 3 enfiadas que haviam sido conquistadas anteriormente, e foi possível livrar 90% de toda a escalada. Já passava do meio dia quando chegamos na P3, então fizemos um lanche rápido e Paulada assumiu a conquista. O quarto largo se mostrou tão sujo quanto alguns trechos dos anteriores. Muitos cactos, e vegetação típica do Pedrão. Aos pouco a linha foi sendo definida, e alguns metros acima foi instalada mais uma proteção fixa. Em seguida somos apresentados com lances esticados com ótimas agarras e lacas que vão brotando da rocha, mas cuidado pois algumas são frágeis. Após esticar uns 20 metros alternando em escalada em livre e lances de furos de cliff, invertemos mais uma vez a conquista e eu assumi novamente a ponta. Já passava das 16h, foi então que cheguei em um ponto onde era possível proteger com facilidade, optei por finalizar os trabalhos do dia e chegar ao chão ainda com a luz do sol. Fechamos mais um final de semana agradecidos, pois já havíamos ultrapassado mais da metade de toda a face onde a linha se desenhava!

## Novo integrante

Em 10 de agosto quem me acompanhou nos trabalhos foi o José Nunes, assim como Paulada, tem grande conhecimento sobre a escalada no Pedrão, assim como algumas conquistas lá! Desta vez eu guiei toda as enfiadas até o ponto onde havia parado da última vez, e continuei na conquista por mais uns 30 metros, até finalmente chegar em baixo do imenso diedro que se tornava imponente a medida que íamos nos aproximando. Meus pés já estavam destruídos então passei a ponta da corda para o Zé, e ele assumiu a tarefa de limpar e conquistar

o diedro!

“*Essa é uma das vias mais completas do sul de Minas! Tem enfiada com fenda, aderência, buracos em parede vertical, um diedro que arrisco dizer que é um dos mais bonitos e longos da região*” José Nunes.

Do ponto onde fiquei mais em baixo, eu via cactos voando e passando por mim feito meteoros, e se espatifando 250m. abaixo feito guaca mole. Eu pensei: o Zézão vai derrubar a montanha!

Já passava das 17h e a progressão seguia lentamente, nessa hora eu já havia chamado o teimoso do Zé pra ir embora, mas o danado continuou noite adentro, com a luz da lua que iluminava aquele início de noite, até que finalmente ele finalizou o diedro e montou a P5. Feito, missão do dia concluída! Hora de montar os rapéis e voltar pra casa.

Dia 17 de agosto. Neste dia intercalamos a conquista mais uma vez, com o Zé Nunes e o Paulada tocando para Pedralva e dando continuidade nos trabalhos. Pedi ao próprio Zé para relatar com suas palavras sua contribuição para esta via...confiram:

Depois de um ano com a sapatilha de escalada encostada, e apertando os pés só na sapatilha de ciclismo, em junho deste ano surgiu o convite para uma reabilitação em salinas e depois uma trip em terras capixabas! Foi assim que entrei na história da conquista desta nova via na Serra do Pedrão! Em junho, depois do convite pros Três Picos de Nova Friburgo resolvi colocar a sapatilha no pé, fiz umas 2 ou três escaladas e junto com o Samuel Moreira, tocamos pra Salinas, foram

4 dias intensos de reabilitação e voltei na pilha da escalada! Como a trip capixaba não deu certo, resolvi ir pra pedralva e investir em uma nova rota de escalada, colocando a patroa pra vivenciar esta experiência! A merda estava completa! Tive uma recaída e além da fissura de escalar veio também a de furar e desbravar!

No fds seguinte recebi o convite do comparsa de trip Salineira, para ajudar na “furância” da nova via do pedrão, como o *Paulenda* não poderia ir naquele final de semana, resolvi dar uma força pros caras! Vou confessar que eu não esperava muita coisa da via deles, achei que ia ser uma sequência interminável de regletes a cactos para esperar e enroscar na corda!

Então marcamos a data da investida, e quando chegou o dia seguimos todo aquele ritual de madrugar para entrar cedo na linha! Quando cheguei na base da via, a imagem que eu tinha da rota começou a mudar! Fiquei fascinado e ao mesmo tempo adrenado de ver a primeira enfiada, não vou gastar palavras para contar como são os primeiros trechos, pois o Samuca já contou! Faço dele as minhas palavras!

Então vamos a parte que cabe relatar, achei melhor deixar ele guiar todas as enfiadas até o ponto onde a via estava parada, isso faria ganharmos tempo para investir no trecho seguinte, acima da P3 (última parada conquistada) já haviam conquistado mais uns 35m. Sendo assim combinamos que ele iria tocar pelo menos mais 15m e instalar a P4, no fim ele tocou uns 20, me deu segurança e eu subi uns 20m pra diminuir o atrito da corda. Ele continuou tocando rumo ao maravilhoso diedro que tem no meio da via!

Samuca tocou mais uns 15m e a enfiada ficou com uns 70m no total, estes 15m foram bem delicados, passando por parede lisa com poucas agarras - e muitos cactos. Ai eu pensei: se tem cactos tem agarra, pois eles curtem ficar instalados sobre regletes e buracos! Então falei pro Samuca esticar em cliff e proteger próximo as cactaceas. E assim foi!

Chegou num ponto que perguntei, se ele já estava enxergando o diedro, e ele respondeu que sim! Ai eu perguntei como é o diedro e ele disse que era cheio de cactos! PQP na hora dei uma desanimada e ele tb deve ter dado. Tocou mais uns metros e resolveu encerrar o dia de conquista por parte dele, pois depois de ter guiado todas as enfiadas e conquistado mais uns 35m, seus pés, braços e mãos já estavam destruídos. Conforme o planejado desci o comparsa de balde e ele foi limpando a linha que ele tinha passado, foi tirando uma centena de cactos e como o esperado, as agarras foram aparecendo! Ficou lindo! O Samuca desceu até um bom platô e me deu segue pra subir até onde ele estava. Cheguei no ponto, e eu assumi a ponta da corda, o material de conquista e toquei rumo ao tão cobiçado diedro, fui subindo desanimado e já achando que ia ter que evitar o danado, ou parte dele, por causa do jardim de cactus! Cheguei na última proteção, estava a uns 10 ou 15m do diedro, fiquei fascinado por ele, atração foi tão grande que pensei, não vai ser uma centena de cactos que vão me impedir de entrar nele! E assim eu fui em direção a sua base! Espero que a mãe natureza, ambientalistas de plantão, calangos e outros bixinhos que habitavam o jardim me perdoem!

Fiz uma limpeza na base do diedro, joguei centenas de cactos e blocos de pedra pra baixo, os sítiantes da região ficaram até assustados com tanto barulho e coisas caindo, parecia que o pedrão estava desmoronando! Mas tive que fazer isso, pois uma vaca no jardim de cactos não ia ser nada bom! Enfim entrei no diedro, o danado começava com uma fenda de dedos bem simétrica, que parecia cortada a laser, e assim se estendia por

mais da sua metade, depois abria tanto que foi necessário usar camalot 4 e 5, mas neste trecho a progressão é bem tranquila, o duro era ter que ficar parando pra tirar uns cactos que impediam a passagem. Depois do trecho da fenda grande, ela se fechava e virava uma fissura de unha onde não dava pra botar peça nem os dedos, mas este trecho a parede ficava mais positiva e da pra progredir usando a aresta do diedro e os pés em regletes. Depois de uns 4m progredindo assim, no meio da fissura surgiu uma janelinha onde dava pra colocar 3 dedos ou um camalot 0.5 que ficou antibomba, para proteger a passagem de um trecho meio estranho onde tinha que fazer oposição com o pé num reglete contra e a mão na borda do diedro, movimento parecido com a técnica de tesoura numa chaminé, depois deste movimento estranho, já se alcançava um ponto onde a fenda abria novamente e dava pra progredir e proteger por ela até o fim do belo diedro. A saída do mesmo também é bem tranquila e a sua última proteção e bem confiável. A progressão acima do diedro é em parede bem aderente, um pouco positiva e com bastante agarra, nesta hora o sol já tinha virado pro lado do japão, e eu fui tocando na penumbra, esticando alguns metros até chegar num bom local para colocar uma proteção fixa e encerrar o dia de conquista!

Na quinta investida da rota houve um revezamento de comparsas, desta vez o Samuca não pode estar presente e quem dividiu a furadeira comigo foi o Paulo Roberto (Paulada) ou melhor *Paulenda*! Este dia eu quis subir curtindo as enfiadas que antecedem o ponto que a via estava parada, assim fomos revezando a guiada! Como eu era o mais novo na empreitada e estava com saldo negativo nos metros conquistados, o Paulada deixou eu dar continuidade a conquista e toquei pra cima de onde eu tinha parado na investida anterior, neste dia eu revivi bons momentos que passamos juntos em conquistas de

outras vias! Mas abrir via com o *Paulenda* é fodal! O cara logo se impõe e avisa: “*quer ir vai, mas se for colocar uma chapa próxima da outra e fazer um paliteiro, desce, que eu assumo a empreitada*”

Assim fui tocando, rezando e perguntando pro amigo da onça, Paulada posso colocar a chapa neste local? Tá boa a distância? E eu escutava: “*num tá bom não doido, a progressão tá sussa! Se for pra furar aí desce que eu assumo a conquista!*” E assim foi conquistada a sexta enfiada com proteções ficando mais distantes uma da outra, um largo meio sem graça que conta com parede positiva e muitas agarras variadas. O desafio desta enfiada é mental pois é necessário tomar cuidado, já que em via nova há coisa pra quebrar. Então teste bem as agarras neste trecho e se possível use sempre os abauladinhos de aderência, pois estes não quebram!

A sétima enfiada não foi possível conquistar neste dia, pois a noite caiu e não havia lua cheia, assim terminou minha participação nesta história!

## O dia ‘D’

No último fim de semana de agosto, eu (Samuel) chamei meu parça Willde Poços, de Caldas, para me ajudar em mais uma empreitada. Peguei o Will durante o caminho, em um trecho da BR-459, e depois tocamos para Santa Bárbara, um distrito do município de Piranguinho. Como de costume tomamos café na padaria, e seguimos para Pedralva. Chegamos no abrigo, seu Tião já nos aguardava com mais um cafézinho. Separamos o equipamento e subimos rumo a base da via. Decidimos que o Will entraria escalando e eu de segundo. Logo no primeiro lance o Will já percebeu que a via teria lances bem interessantes.

Invertemos a ponta da corda novamente, então guiei a primeira, Will a segunda, eu a bellissima terceira, e toquei para a quarta na sequência pois tinha que fazer algumas intervenções nas proteções. Will pegou o lindo diedro, sacando

as peças e curtindo todas as opções que aquele lindo diedro oferecia para as perfeitas colocações.

Logo na P5 eu assumi a ponta e toquei para a última parte que havia sido conquistada pelo Nunes anteriormente. Uma linda enfiada com puas proteções. Eu estava muito bem psicologicamente, pois havia voltado de Salinas fazia pouco tempo, e lá não tem choro! Logo cheguei na P6, fiz a duplicação da base que ainda faltava. Quando eu estava recolhendo a minha corda, ela se prendeu e eu fiz força para que ela se soltasse...foi quando uma grande laca se desprendeu e saiu quicando parede a baixo. Um grande susto, pois pedaços passaram por cima do Will que ainda fazia segurança mais abaixo. Montei a segurança do Will, e ele começou a escalar, já tinha subido uns 25-30m quando percebi na minha mão, onde a laca que havia se desprendido, tinha batido...bem no meio da minha corda, capa e alma destruídas, corda comprometida! Não avisei o will de início, esperei ele chegar até junto a mim para contar a triste notícia.

Organizamos as coisas, e já conseguimos ver o cume dali, faltava muito pouco, o sol já tinha ido embora, a luz da lua que surgia por detrás do gigantesco Pedrão dava as caras e nos iluminava, e o parça entrou nos últimos metros restantes de conquista. Mais um pequeno diedro, um tanto quanto sujo de cactos e enfim entramos nos metros finais da via *Racha Cuca*. Fui na cola e toquei em seguida, passando pelo Will que fazia segurança. A ansiedade já tomava conta, o sorriso no rosto era visível, e por fim depois de longas empreitadas penduradas na parede, finalmente chegamos no cume! Depois de quase 10 anos sem nenhuma nova via, finalmente mais uma linha havia sido conquistada no Pedrão de Pedralva. A via *Somos Todos ‘Rico’*.

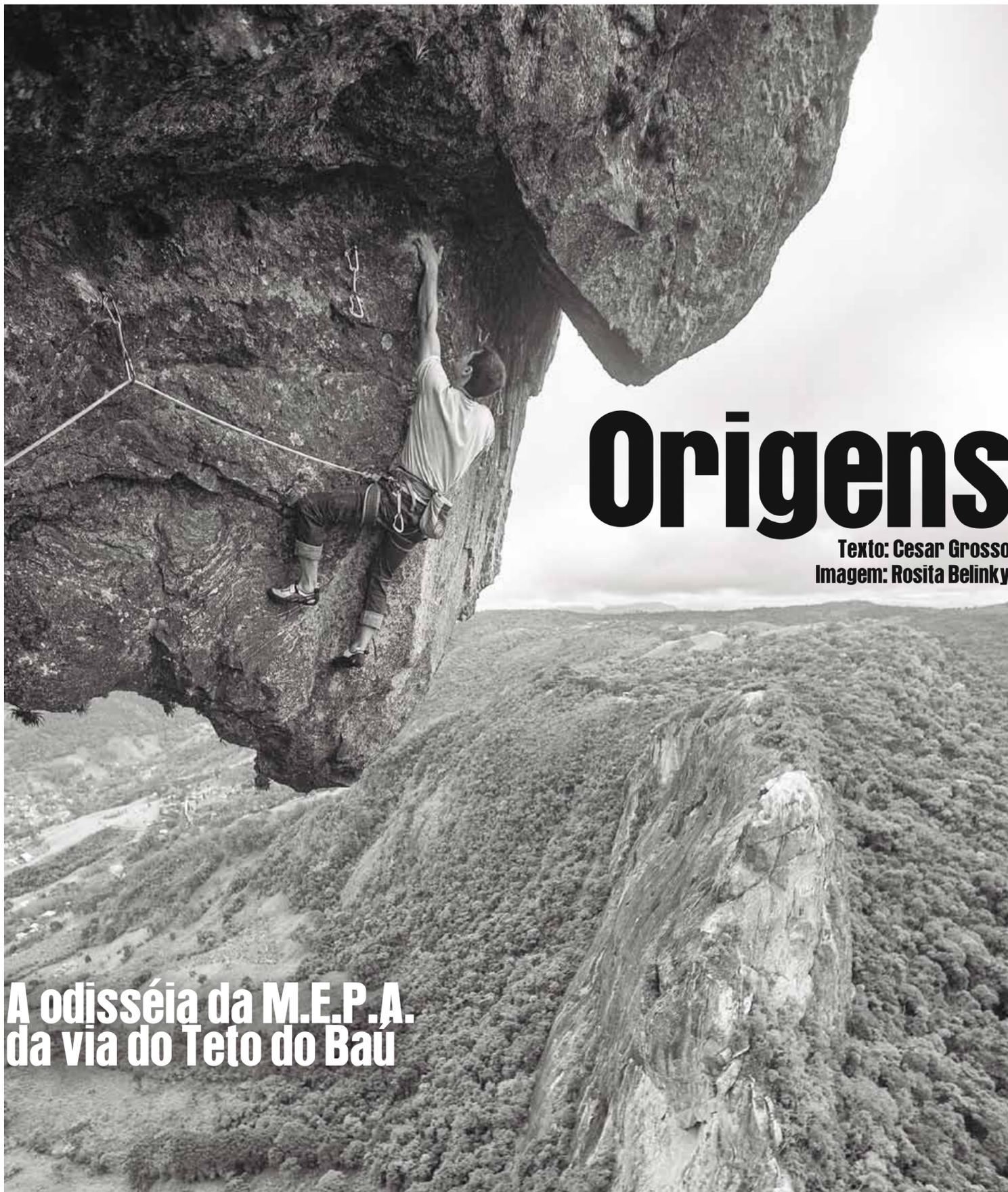
UMA LOJA ESPECIALIZADA  
EM PONTAS DE ESTOQUE, PRODUTOS  
FORA DE LINHA E USADOS. ONLINE :)

O ANTIGO BRECHÓ DA  
MONTANHISMUS COM CARA NOVA  
NO SEU PC, TABLET OU SMARTPHONE

MOCHILAS | AGASALHOS | ROUPAS | BARRACAS | EQUIPAMENTOS

PRODUTOS DE GRANDES MARCAS COM  
PEQUENOS DEFEITOS E USADOS. VISITE  
NOSSA LOJA EM SÃO BENTO DO SAPUCAÍ OU  
COMPRE PELO SITE  
WWW.MERCADOOUTDOOR.COM.BR

mercado  
OUTDOOR



# Origens

Texto: Cesar Grosso  
Imagem: Rosita Belinky

A odisséia da M.E.P.A.  
da via do Teto do Baú

**Sempre me pareceu algo utópico, ilusório, à beira do delírio. Livrar a via Teto do Baú era meu mais antigo sonho.**

Uma linha aberta originalmente em 1979 por Jorge "Naval", carioca residente em São Paulo, em A1, com chapas muito precárias ainda para a época, de fabricação própria, colocadas praticamente a cada 50cm do começo até o fim da linha. No meio, dois grampos "P" e algumas chapas de "segunda geração", menos deterioradas mas ainda precárias para escalar em livre. No passar dos anos o teto do Baú se tornou um clássico da iniciação da escala em artificial, talvez por ser uma escalada de baixa dificuldade técnica artificial ou por não ser necessária nenhuma peça, mas ainda assim proporciona a sensação do manejo do estribos no vão a 350m de altura.

Quando escalei o Teto pela primeira vez, em dezembro de 2001, com meu amigo e ainda então técnico, Romulo Bertuzzi, mal consegui imaginar que poderia ser feito em livre, sinceramente, para mim já era muito fazer em artificial, ainda mais (como naquela vez) chegando sob uma forte tempestade no cume. Ainda não tinha maturidade suficiente para imaginar tal feito.

Nessa época eu ia com muita frequência pra São Bento e escalava em todo o complexo do Baú. Naqueles anos tive a oportunidade (ainda que minha carreira de competição estivesse engatinhando) de escalar as principais vias de todo o complexo e só assim sentir como se vive 100 anos em um dia... imenso. Ficávamos sempre na casa do Marcio Bruno (grande amigo que me apresentou todo esse universo paralelo) e todas as manhãs, sem exceção, eu ficava olhando por 10 ou 15 minutos um quadro que ali tinha do Alex Huber livrando a *Satathé Wall* no El Cap. Yosemite, eu viajava naquela foto, tentava imaginar quão desafiador foi pra ele e tentei entender a sensação que ele poderia ter escalando aquela via, queria aquilo pra mim.

Anos se passaram, refiz o algumas outras vezes, uma delas de noite e outras de dia, mas sem olhar detalhadamente cada imperfeição do Teto. Nos últimos anos, talvez por estar morando longe (Arco, Itália), essa vontade foi emergindo cada vez mais. Em novembro de 2017 eu estava planejando ir no ano seguinte, em 2018, para o Brasil tentar livrar a linha, mas uma lesão séria no

começo de 2018 e com um calendário de competições apertado a missão teve que ser adiada. No começo de 2019 conversei mais a fundo com o Eliseu Frechou sobre o projeto e, assim como eu, o entusiasmo se fundiu com a dúvida. "*seria incrível, mas possível?*".

A idéia era ir logo depois do Campeonato Mundial no Japão, final de Agosto, eu precisava dar um tempo nos treinos e o clima em São Bento seria perfeito, mas incompatibilidades no meu calendário com o do Eliseu fizeram o projeto esperar mais um pouco. Dia 14 de outubro embarco então para o Brasil, um "oi" rápido em família e amigos e logo chego em São Bento, ensolarada, com 22 graus.

Como combinado, a equipe "titular" estava pronta, Eliseu, Murilo Vargas (filmagens), Leonard Moreira e eu. (Salvo Ana Fujita, Marcio Rosa e Andre Maeda que também ajudaram muito) e assim demos início aos trabalhos. A etapa inicial foi somente refazer a via em A1, com calma, vendo as possíveis agarras, se a linha em livre poderia seguir a original, se algum grande bloco poderia soltar, quão sujo estava a via, etc. OK! Linha potencialmente "livravel", hora de trocar a proteções. Do início até o fim do Teto existem no total 29 chapas, dois grampos "P" e um piton, depois de alguns dias troquei 12 chapas (algumas somente as chapas e outras que quebraram o parafuso acabei refazendo o furo), assim pude trabalhar com segurança. Depois das novas proteções limpei bem a via, muita pedra solta, musgo, pedra solta, terra e pedra podre também, foi raro algum dia sem nenhuma agarra que se quebrasse. Enfim, a via estava pronta pra ser "malhada", poderia tentar escalar em livre "à vontade".

Ainda nessa fase, pra explorar todos os movimentos (inclusive um grande bote no início), eu tinha que escalar com um jumbar e T-bloc na cadeirinha, quando eu caía ficava pendurado no vão pela corda e tinha que voltar para a via. Eram tentativas onde ainda escalava pesado pra intensidade da via. Nessa etapa eu chegava para testar os últimos movimentos da via

já bem cansado das jumareadas, mas a rotina frenética era essa.

Despertador, como todos os 30 dias, tocando as 05h00, café da manhã calmo e tranquilo ouvindo jazz, equipes no carro e toca pra cima! 1h de carro, mais trilha e escalaminhada até chegar na cresta do Baú. Cadeirinha, sapata, seg pronta e no estilo francês (dois ou mais escalam simultaneamente) com uma corda de 80m chegavamos "rapidamente", depois de 2h de casa, na base do Teto. Com toda a certeza, quem jogou contra nós, foi o clima. Raramente a via estava em condições, O Teto está a mais de 1900m de altitude, numa formação que afunila todo o vento que vem do norte e muitas vezes gelado, sem condições de me aquecer ou pelo menos os dedos.

Até ai estaria "tudo bem" se não fossem as chuvas e raios. Não sei quantas vezes tomamos chuva, quantas vezes cheguei a aquecer e depois fiz uma tentativa no molhado, quantas vezes até subi na chuva por não ter esperanças que a chuva iria parar, quantas vezes não treinei hoje porque amanhã a previsão é de sol, mas na verdade choveu. Minha esperança e paciência foram minadas como nunca. Perdi a volta para a Itália em nome do Teto, não poderia, à aquela altura da empreitada, largar e voltar pra casa.

## O peso da via

Sinceramente, senti um peso enorme, o Teto era muito importante pra mim, mas todos nós já estávamos muito cansados, cada um com seu compromisso e eu não poderia ficar por tempo indeterminado. Pois bem, estava tudo linkado, tinha que otimizar tudo, tempo, clima, energia física e mental, pele e alimentação. Acordávamos cedo porque a chuva vinha no fim da manhã, começo da tarde e o vento era mais ameno pela manhã, a mochila estava toda pronta, até com água e comida já feito na noite anterior (aliás, um bom macarrão na noite anterior nunca negou cadena). A louça suja do café da manhã era deixada pra depois, não tínhamos tempo e nem pele pra gastar antes de escalar e antes de sair, um breve aquecimento no muro da Montanhismus assim poderia otimizar minha energia, tempo e pele no aquecimento no teto. Durante a subida, música boa e pouca conversa, minha atenção era

uma só.

Chegou o grande dia! Subimos, já me sentia forte na trilha e no V grau da *Chresta*, fui pro round de aquecimento (parando bastante na via, escovando as agarras e isolando os movimentos), desço pra descansar antes do pega final e logo que me desencordei ouço repentinamente um trovão estourando forte. Não tínhamos visto uma nuvem preta que ali vinha em nossa direção. Em menos de 1 minuto o rapel já estava montado, descemos rápido, corremos na trilha e ainda assim tomando chuva no carro. Vale lembrar que no Baú o risco não é de tomar chuva e sim raios, como muitos já tomaram (Eliseu e Marcio, por exemplo) e inclusive com caso de morte, mas para cair um raio não precisa estar chovendo.

A sensação na volta era a de "sempre", quase que uma derrota, uma frustração de não ter, nem mesmo, a chance de lutar, mas ao mesmo tempo, naquela tarde me sentia fisicamente muito bem, me senti forte, concentrado e com energia, fui até o Eliseu e disse "*Cara, tô me sentindo muito bem, se não chover é amanhã*" (Não sei se ele acreditou, hehe).

Manhã seguinte na mesma rotina e rituais até a base do Teto. O clima não estava bom, vento frio e nuvens que amecavam chover. Fiz meu giro de aquecimento e confirmei minha sensação, estava forte. Desci, descansei aqueles minutos, peguei a ponta da corda e disse pro Eliseu "*vou lá*".

Entre na via pra mais um pega, mas me sentindo muito bem. Nos movimentos do crux parecia que eu estava isolando, fiz bem sólido, aproveitei os descansos e chegando no teto final sabia que não ia desperdiçar a chance como havia feito dias atrás, quando caí no final. Quando peguei na "caixa de sapato" (última agarra do negativo, que apelidei por ser boa quanto) mal sabia o que estava acontecendo. Na verdade não tinha "caído a ficha" do que tinha feito, e somente quando me desencordei já no topo do Baú que a ficha começou a cair. Alex, acho que sei o que você sentiu...

Me sinto muito privilegiado de livrar o Teto, linha que acredito ter passado no imaginário de muita gente, principalmente na minha. Essa "fusão" de gerações e estilos é algo ainda novo pra mim, mas desde então, minha lista de idéias e projetos vem crescendo.



# DENALI ESCALANDO NO ALASKA- FINAL

Tatiana Batalha

Começamos um pouco antes das 20 horas uma longa e suave descida, onde já sentimos o que seria estar acompanhado do nosso “querido” trenó nos próximos dias. Forma-se uma pista com a marca dos trenós que passam e em pouco tempo estávamos sós a caminhar na imensidão do glaciár. O sol se escondia atrás das montanhas mas a claridade ainda nos acompanhava. Caminhamos 4 a 5 horas chegando ao Campo 1 pouco antes da meia noite. Diferente de outras montanhas que visitei, esse acampamento tinha bem pouca gente, e já percebi o quão isolados estávamos. Era final da temporada. Depois da “suave” descida, só subida pela frente. Ai não é mais controlar a descida do trenó, mas puxar e arrastar carga acima. Questionamos o que era mais difícil? Controlar a descida ou arrastar montanha acima? Foi unanimidade que não víamos a hora de nos livrarmos do trenó. E era apenas o primeiro dia!!! Em nos-sas paradas sempre alguém logo preparava um mate. Quem conhece os Argentinos sabe que não vivem sem um bom mate. Eu cresci vendo meu avô paterno tomar seu chimarrão, então gosto muito desse costume dos Hermanos, e em todas as expedições que estou com eles, aprecio esses momentos da roda de mate. Barracas montadas nos recolhemos para aquecer, comer e descansar. Eu ali, como acontece com a maioria dos montanhistas nos grandes desafios, por alguns minutos pensei “será que vou dar conta de subir a montanha com esse trenó?”. E se eu não desse conta? Estávamos com tudo contado, dependíamos uns dos outros, caso alguém desistisse, todo o grupo teria que descer. Eu não gostaria que isso acontecesse. Cheguei a pensar nesse dia, que ainda poderia encontrar o Carlão com seu grupo no caminho, e caso não estivesse me sentindo bem, poderia aproveitar a “carona” e descer com eles. Mas eu estava me sentindo muito bem fisicamente, porque estava pensando isso? Estávamos na barraca no Campo 1, quando ouvi alguém falando em português nos arredores. Na mesma hora falei para meus amigos, “é o Carlão!”. Comecei a chamar por ele, e ele respondeu. “Tati, onde está?”. Coloquei mais roupas, estava frio fora, e saí rápido da barraca para dar um oi para ele e para o grupo. Conversamos um pouco ali, eu contei que havíamos chegado naquele dia, e ele me falou que estavam andando há 15 horas, tinham vindo direto do Campo 5. Iriam bivaquear ali e seguir cedo para a base pegar o voo de volta. Carlão falou que me procurou nos outros acampamentos, nos despedimos e ele soltou um “tomamos uma cerveja em Talkeetna!”, eu respondi beleza, mas depois percebi que meu amigo, acho que entendeu que eu tinha descido também. Mas por isso não me achou antes na montanha, eu tinha acabado de começar a subir.

Fui dormir feliz por ter encontrado um grande amigo ali no meio do nada, e um amigo que quando se encontra sempre nos compartilha boas energias. Logo cedo quando acordei, perguntei para Julian se os brasileiros ainda estavam por ali. Ia bater um papo com eles, mas quando Julian acordou, Carlão e companhia já caminhavam rumo ao acampamento base. Nessa hora bateu uma tristeza, e bateu aquele pensamento “minha carona para voltar já foi... Agora não tem jeito, tenho que subir...”. Logo que cheguei no Alaska, meu outro irmão, Fábio, que está há um ano e meio morando no Canadá, me enviou uma mensagem. Ele escreve pouco, temos uma forte conexão, mas não falamos todo dia e toda hora. Mas quando escreve é geralmente notícia importante. Foi

curta a mensagem, mas de grande significado: “Você vai ser tia”. Uma grande e feliz notícia!!! Que nos primeiros dias da expedição me acompanhou, e fez pensar sobre perigos em aventuras, cumprir a jornada em segurança até onde for possível e voltar bem para casa pois uma novidade como essa precisa ser comemorada e presenciada. Acho que isso me fez refletir sobre a vida, e também contribuiu para o pequeno aperto no peito que senti ao me ver ali sem opção de baixar. Mas por outro lado, nos dias que se seguiram, minha mente focou em fazer o melhor um dia de cada vez, e essa novidade serviu-me de estímulo para ter atenção durante a jornada, e a ter forças pois eu teria que ir até o cume e voltar para poder acompanhar o crescimento da família. Reflexões a parte, de volta ao glaciár, o próximo objetivo seria chegar ao Campo 2. Esse foi o dia mais frio de toda a expedição. Pelo menos a sensação. Foi o dia mais nublado, e dia em que caminhamos durante toda a “noite” e madrugada. Paramos várias vezes para comer alguma coisa e nos hidratamos. Num dado momento avistei o que parecia ser o Campo 2 e fiquei feliz, pensei “chegamos rápido, que bom, já vamos poder descansar outra vez!”. Mas... Pablo e Julian mudaram a estratégia. Estávamos todos bem, ninguém sentia efeitos da altitude, ali ainda era “baixo”, 2900 metros. Fizemos uma boa pausa no Campo 2, e vimos que muito poucas expedições param por ali. É um cuidado tomado pelas empresas americanas, que seguem rigorosamente a subida lenta e progressiva recomendada para a aclimatação. Em nosso grupo todos já haviam estado em montanhas muito mais altas, nos Andes. A decisão foi irmos para o Campo 3 lentamente e lá instalados a 3350 metros ter mais dias de descanso. Confesso que quando me dei conta da decisão dos líderes, bateu aquele desânimo. Estava frio, nublado, e a vontade era montar o acampamento ali mesmo. Porém, se nos adiantássemos, nos próximos dias seríamos poupados de carregar os trenós. Eles ficariam no Campo 3. Notícia que veio como uma injeção de ânimos e seguimos madrugada a dentro arrastando nossos “bens” para nossa nova base de descanso. Seguimos então com o sol escondido atrás das montanhas, o frio aumentando. Eu não estava com as pernas cansadas, mas comecei a sentir muito sono. Senti isso antes uma vez, no Cerro San Francisco, num platô, antes de chegar a subida final para o cume, cheguei a caminhar de olhos fechados por alguns instantes. Confirmei o que ouvi de um guia uma vez, que ele às vezes caminhava dormindo. Julian me perguntou se eu me sentia bem, e eu sempre respondia sim, estou bem, “só tenho sono... muito sono!”. Algumas gomas, chocolate, lingüiça e carne seca mandadas para a barriga, despertei e continuei a puxar meu trenó morro acima. Começávamos a caminhar todos juntos, mas nesse dia (e repetiu-se nos demais), eu, Hugo e Julian começamos a abrir espaço na frente. Chegamos primeiro no Campo 3 por volta das 4 da manhã, depois de uma interminável rampa acentuada, que testou nossas forças e habilidades no manejo dos trenós. Estávamos ainda um pouco tensos com a entrevista dos Rangers. Por alguns dias achamos que os guias americanos estavam de olho em nosso grupo. Observando se alguém agia como guia. Revezávamos a frente das cordadas para não levantar suspeitas. Lily e eu adotamos o lema “chegamos ao Cumbre de hoy”, cada vez que alcançávamos o objetivo do dia. E dela, com toda sua experiência, ouvi humildemente que

a subida para o Campo 3 com os trenós havia sido duríssima. Mamba era um dos amigos que sempre chegava muito emocionado, parecia-me que a jornada era mais dura para ele que seus companheiros de cordada. No início da viagem, os comentários e conversas eram mais contidos. Com o passar dos dias todos falavam mais e faziam piadas. Nos primeiros dias senti nos olhares algo como “nossa Tati fez tudo isso, chegou antes com Julian e Hugo, deu conta, está bem...”. Nos dias que seguiram olhares e silêncio deram lugar para desabafos de quão duro era subir com os trenós, e “que tomaram vocês três para subir tão rápido?”. E eu sempre achando que eu estava devagar. Os dias eram longos, e percebi que o que faria conseguirmos ou não seriam as nossas mentes. Não precisava pressa, os dias eram longos, não havia uma preocupação em chegar antes de escurecer. Isso me fez mudar o pensamento de como conduzir a jornada montanha acima. Só o que poderia me deter seria minha cabeça e meus pensamentos. O clima estava até o momento ao nosso lado. Cada um com suas características e forma de lidar com as dificuldades foi fundamental para a motivação de todo o grupo. Reunidos no Campo 3, barracas montadas, o merecido descanso. Até então foi o dia mais longo de caminhada da expedição. Por telefone satelital alguns se comunicaram com as famílias. Eu preferi não ligar dali ainda. Só mensagens pelo aparato de Julian, para minha mãe e meu irmão Hugo. Os contatos de Julian e Hugo rapidamente responderam, e eu virei motivo de piada pois ninguém me respondia. Mandei para minha amiga Margarete, que demorou também para responder. “No quieren Tati... No responden Tati... No hae mensaje para Tati...”, Julian e Hugo diziam. E eu comecei a ficar preocupada, porque não me respondiam. Senti na pele o que devem passar por aqui, quando vou e falo que ficarei sem sinal. Mas no dia seguinte responderam! E não mandei mais mensagens para não ficarem mau acostumados. Mais um dia de descanso, para enfim realizar o porteio da carga para próximo do Campo 4. Isso faz parte da estratégia de aclimatação e logística de transporte dos equipamentos e comida. Saindo do Campo 3 uma grande rampa para subir, ao final de qual existe um platô, um vale que fica entre picos rochosos, chamada Wind Corner. O dia estava lindo, e não tivemos vento no “Corredor de Vento” como era de se esperar. Seguindo, outra rampa, agora suave repleta de lindas gretas, algumas longe, outras desafio a ser ultrapassado por nós na caminhada. Também um trecho onde eventualmente caem rochas e blocos de neve, depois do qual logo chegamos ao ponto de depósito das cargas. Campo 4, onde há uma base dos Rangers, posto médico, e onde diariamente colocam notícias sobre as condições climáticas na montanha. Voltamos para o Campo 3, e descansamos mais um dia. Julian, Pablo e Hugo andaram pelo acampamento e fizeram amizades. Uma delas uma indiana, que por nós era carinhosamente chamada “India”. Ninguém havia perguntado o seu nome e por onde a encontrávamos a saudávamos com “Hola India!!!”. Nesse dia vimos também a chegada de uma expedição só com amputados. Foi mais um acontecimento que nos serviu de motivação. Estavam todos ali passando pelas mesmas dificuldades em se andar com sapatos de neve, arrastar trenós, e ainda o detalhe de não terem pernas. Conversavam

entre se, riam, e estavam animados com o fato de estarem ali. Pensei, se eles estão aqui animados, e com disposição, eu não tenho motivos para reclamar de nada. A idéia e vontade de vir até aqui foi só minha. Ninguém me obrigou. Tenho saúde, preparo, estou com pessoas do bem, tenho condições suficientes para seguir e ter sucesso na jornada, seja ela chegar ao cume ou não.

Fim do descanso, hora de mudar para os campos altos. Agora sem trenós, somente as mochilas cargueiras, botas duplas e crampons. Iniciamos nossa subida por volta de 8 horas da manhã, preparados para enfrentar mais uma vez o Wind Corner, bem protegidos pois ainda estava frio. Começamos a subir e um calor tomou conta de nós. Chegamos ao Wind Corner, sem vento outra vez. Tivemos que diminuir a quantidade de roupas. Passar calor, torna a caminhada muito mais desgastante que o frio. Seguimos passando rápido por áreas de gretas e quedas de rochas e neve, e logo avistamos a área de porteio. Havia grupos por lá, e quando nos aproximamos, vimos que alguma carga havia sido atacada. Mais perto e tivemos a triste constatação de que era a nossa. Havia comida, macarrão espalhado por todo lado... Um casaco aparecendo... E os outros grupos só observando. Mais que depressa pusemo-nos a limpar tudo, e devido ao ocorrido resolvemos que seria melhor retornar naquele dia mesmo para resgatar a carga toda. Havia marcas na neve, seria um urso? Mas urso não chegam naquela altitude. Vento não iria fazer aquilo. Recolhemos o que pudemos, colocamos nas mochilas, cobrimos novamente com neve o que restou. Limpamos o melhor que pudemos a comida espalhada e por sorte não foram muitos os pacotes de comida atacados. Ainda tínhamos o necessário e mais um pouco para os próximos dias. Subimos então para o Campo 4, montamos acampamento, novamente eu, Hugo e Julian chegamos primeiro e fomos abordados pelo Ranger e interrogados se éramos os Argentinos da carga atacada. Eu dizia que não era Argentina, que era brasileira, mas virei motivo de piada. Cantavam músicas de futebol e eu apreciadora de futebol retribuía com outras músicas nossas aqui, que dizem que só Pelé tem 1000 gols. E ríamos todos com isso. Mas o Ranger não tinha cara de muitos amigos, eu como tradutora falei que tínhamos limpado tudo, enterrado melhor, mas que já estávamos nos organizando para descer e trazer tudo naquele dia mesmo. E o Ranger insistia em perguntar, em falar do um metro e meio necessário para enterrar... E com esquis a postos, desceu para conferir nosso porteio. Até foto no celular com o ataque da nossa carga ele tinha. Estávamos mais cansados nesse dia. Eu na véspera tive uma “intercorrência” feminina, e nesse dia de subida ao Campo 4 era o que estaria mais atordoada pela tal intercorrência. Cólicas e um cansaço adicional, mas que no próximo dia já estariam eliminados e não seriam mais um problema. Porém pensar em descer até a carga naquele momento, me deixou um pouco preocupada. Hugo também estava bem cansado, e sofria com umas bolhas grandes nos calcanhares desde o segundo dia de expedição. Fiquei com pena do meu amigo, que estava meio avariado como eu naquele dia, mas precisavam todos descer para ajudar com a carga. Lily e Roberto chegaram um pouco depois, e o grupo decidiu que Lily ficasse para ajudar com a água. Julian me deu também essa opção, e eu aceitei, e o combinado foi ficar

e fazer toda água que eu pudesse até eles voltarem. Fiquei pensativa pelo Hugo, mas todos os homens desceram. Não demoraram muito, mas para Hugo foi uma eternidade. Nesse dia ele chegou, entrou na barraca e apagou. Eu os esperava com queijo, presunto e muita água!!! Retornaram com tudo, e mais tarde Julian foi ter com os Guarda Parques. Só no dia seguinte nos contou que os Rangers ficaram satisfeitos com nosso trabalho, e até estavam mais receptivos. Descobrimos que o ataque é feito por corvos. A carga mais atacada foi a de Roberto e Lily, que chegaram um pouco depois e colocaram mais por cima. Mas felizmente nada foi danificado ao ponto de sermos prejudicados na continuidade da expedição. Lembramos da guardinha do Campo Base, que falou várias vezes da importância em se cavar pelo menos “um metro e meio” de profundidade. A duras penas entendemos... Conseguimos um “amigo” para cobrir mais nossas cargas no Campo 3, para evitar outra chamada dos nossos queridos Rangers. Instalados no Campo 4, a 4330m. mais um cume alcançado! Observando a paisagem e o que vinha pela frente, comecei a pensar, e me veio na mente “agora que cheguei até aqui, vou até o cume!”. Tivemos o dia seguinte para recarregar as energias. Nesse acampamento há um local a poucos minutos de caminhada, conhecido como “Fim do Mundo”. É o final do platô onde fica o acampamento 4. Lá há formações rochosas, de onde se avista todo o vale percorrido. Fomos conferir a beleza da vista. Na volta passamos pela lousa das informações sobre o clima da semana. Era quinta feira, 27 de junho o tempo estaria bom até sábado. Domingo a pressão atmosférica mudaria, e os ventos começariam a aparecer mais fortes, e nevasca era prevista para o fim do dia. Reunimos o grupo, conversamos, e a melhor opção seria tentar direto chegar ao cume nos próximos dias. Sexta ir ao Campo 5, descansar e sábado cedo seguir até o cume. Era nossa chance! Depois o tempo ia mudar, e talvez não tivéssemos dias suficientes até que melhorasse outra vez. Mais uma vez fiscalização rigorosa de o que levar para subir o mais leve possível. Na manhã seguinte saímos por volta das 10 horas da manhã, para percorrer o trajeto mais técnico e difícil da montanha. Primeiro um platô levemente inclinado, por onde atravessamos algumas gretas, até chegar a base da rampa, com inclinação de 60 a 70 graus, onde estão as cordas fixas, presas por estacas de neve do início ao fim da subida. A partir daqui usaríamos o jumar (ascensor). Minha última experiência com o uso do aparato havia sido em outubro de 2018, no Ama Dablan. Minha recordação era mais ou menos boa. Na ocasião eu fiquei pensando se o meu Jumar que não era bom, ou eu que não estava usando direito. O terreno no Nepal, até onde fui, era de escalada em rocha. Na primeira subida na ocasião, estava de botas de trekking, e as paredes eram bem verticais. Eu tinha pouca experiência usando o jumar nas rochas. Tinha aprendido no Brasil como usar com o Eliseu, mas no Ama Dablan sofri um pouco. Faltou um pouco do movimento adequado do corpo para facilitar a subida, e em um momento acabei caindo alguns metros pois a trava de meu Jumar emperrou. Fiquei com a pulga atrás da orelha. Mas testado depois, ele não era o problema. Faltou mesmo foi destreza de minha parte no manejo dele nas paredes verticais. No início da rampa, estava imaginando como funcionaria meu equipamento, e se eu, dessa vez, estaria mais familiarizada com a movimentação para tirar o melhor das vantagens em se usar esse tipo de equipamento nas cordas fixas. Para minha alegria, no terreno nevado foi muito mais fácil a movimentação que nas rochas. Na neve as cordas fixas funcionaram muito bem como um corrimão. Somado também o fato de ter feito

um novo treino como preparo para o Denali, senti que os braços estavam mais fortes. Mas os pés, com crampons, facilitaram a subida. Era só sincronizar um passo, outro passo e subir a mão o mais que conseguisse. E seguir nessa repetição até chegar ao topo da primeira rampa. São várias cordas até chegar no ponto mais alto, e nas emendas temos que mudar o ascensor de corda. Isso tudo, em nosso grupo de 3, sempre encorados. A montanha acaba ficando com degraus marcados, pois o trajeto é o mesmo para todos que sobem por essa rota. Se você tiver olhos bons, pode escolher bem o local da pisada, e economizar energia usando degraus já existentes. Depois da rampa vem a área mais exposta de toda a montanha. Um filo de rochas e neve, bem estreito, onde toda a atenção foi necessária. Trechos onde um passava por vez, uns 40 centímetros de largura, e em ambos os lados, grandes penhascos. Uma vista de tirar o fôlego! Concentrados passamos bem pelo filo, e mais umas sequências de rampas para subir, até chegamos num grande platô inclinado, interminável, que nos levaria ao Campo 5, a 5240m. Chegamos bem antes ao acampamento, este que é o mais exposto ao vento, sendo necessários muros de gelo ao redor das barracas que nós mesmos fazemos. Havia grupos chegando do cume. Ali também havia um posto Ranger e nosso conhecido, da bronca da carga atacada, ao tentarmos alguma comunicação amigável sobre o clima, sobre o que ele achava do dia seguinte, se estaria bom para ir ao cume, como todo bom americano (com medo de dizer algo que seja usado contra ele no futuro) nos falou: “acordem e decidam por vocês mesmos, se amanhã é ou não um bom dia...”. Por um momento fiquei com raiva do Ranger. Acostumada à receptividade dos amigos latinos, demorei um pouco para entender os motivos de tal resposta, somado ao fato de ser o mesmo Ranger que estava nos vigiando dias antes. Acredito, que por questões da cultura americana, de processos, o guarda parque não nos diria “acho que estará bom sim o dia amanhã...”, pois se o clima muda, e algo acontece, poderia ser acusado de ter dito que era um bom dia. Só pode ser isso. Mania de perseguição americana, e assim minha raiva passou. No Campo 4 a previsão era bem clara. Nosso dia ainda era um bom dia! Quem é esse mau humorado para falar isso. Como se só nosso grupo estava ali para subir até o cume no dia seguinte. Havia várias outras pessoas que fariam o mesmo na manhã seguinte. O sol se pôs, mas como todos os dias, ainda ficou claro, mas nesse acampamento muito mais frio que nos outros. Tratamos de dormir um pouco. Na hora combinada começamos a nos preparar para ir ao cume. Diferente das outras montanhas em que eu já havia estado, o fato de ter claridade deu uma energia adicional. Começaríamos a caminhar na sombra da montanha, estaria frio, saímos bem abrigados. Todos equipados e as 8 horas da manhã começamos a caminhar. Eu, Hugo e Julian iniciamos a jornada. Há uma descida até chegar ao início da rampa que nos levaria ao Denali Pass. Ai não há cordas fixas, mas o caminho está todo com estacas de neve, onde nossa corda passa pelos mosquetões, e nos protege em caso de queda. Logo no início da caminhada, um dos bastões de Hugo deslizou montanha abaixo, sem chance de ser resgatado. Mas com um bastão e uma piqueta já estaria seguro. Nossos companheiros vinham atrás, mais devagar, e foram ultrapassados por dois grupos grandes guiados por duas americanas. Desde os campos mais baixos, observávamos como esses grupos andavam rápido. Nós não corríamos, mas mantínhamos bom ritmo e tentávamos ser o mais rápido possível nas pausas de descanso. No Denali Pass, deixamos minha mochila escondida, levei água e comida, assim caminharia mais leve e rápido. Seguindo o caminho chega-se a um grande platô nevado, o Football Field. Uma longa caminhada, onde

paramos para descansar e a frente da cordada foi revesada entre Julian e Hugo. Ali nosso líder nos dizia que faltava pouco. Que passado o “campo de futebol”, teríamos mais uma rampa e “já está! Chegamos.”. Hugo estava cansado, sofrendo com suas bolhas. Eu tinha algumas pequenas, mas agora faltava muito pouco. Paramos para descansar antes de começar a subida terrível, encontramos parte do grupo americano, uma cliente não se sentia bem, e a guia foi irredutível, e baixou com a moça. Nossa amiga Índia disparou à frente com seu guia chileno e o auxiliar. Abri meu energético milagroso, minha pequena Coca Cola, que tem poderes de levantar qualquer montanhista no dia de cume, e recomeçamos nossa caminhada. Julian pediu que Hugo fosse na frente, em seu ritmo, que tínhamos tempo, e estávamos quase chegando. Eu ainda não acreditava que estávamos onde estávamos. Estava me sentindo bem, um pouco cansada, mas decidida a ir até o cume. Estava com medo de meu amigo não aguentar, e comecei a falar “Vamos Hugo! Falta pouco! Vamos!”. A rampa parecia não ter fim. Subimos em passos lentos, parávamos, mas nosso desejo era um só... Chegar ao cume! Agora faltava pouco! Finalmente terminamos a subida. E Julian agora falava que “já estamos!!!”, mais um pouco e chegaremos ao cume do Denali! Eu não sabia se ria ou chorava. Caminhava, e pensava, mas onde está? Não estávamos chegando? Ainda tinha medo de que por algum motivo tivéssemos que baixar. Vinha de uma sequência de desistências a caminho do cume, e estava traumatizada, pensando nessa possibilidade. Estávamos tão perto! Por favor “Deus”, “Pachamama”, nos deixem chegar dessa vez. Quando se vê fotos do Denali, uma marcante é o grande serac que está no caminho até o cume. Depois da rampa, há um filo, que parece interminável, que nos faz passar por cima desse serac, por momentos um caminho bem estreito como o filo da chegada ao Campo 5. Onde estava o cume? Julian estava brincando conosco? Faltava muito ainda? Então começamos a ver pessoas voltando em nossa direção. Um dos grupos liderados por uma guia americana passou por nós, e pela primeira vez foram positivos na comunicação. Ela nos disse “Parabéns!! Vocês estão quase lá!”, e alguns dos clientes emocionados disseram o mesmo para nós. Então tive a certeza de que dessa vez chegaria ao cume, e passei a não ter forças para controlar a vontade de chorar. Passado o serac, avistamos nossa amiga Índia e seus dois guias sentados descansando, nos aproximamos, e nos abraçamos!

#### Cume!

Chegamos ao cume do Denali. Chorei eu, Hugo... Julian sorria de felicidade e nos dizia “Lo logramos!!!!” (Conseguimos!!!). Nos abraçamos, fomos até o marco do cume. Agradecemos a Deus e a Pachamama por nos terem permitido chegar ali. Fotos, e discursos emocionados, um merecido descanso, resto de Coca Cola e chocolate de cume (presente de minha grande amiga dos mares e montanhas Ana Lícia), admirar bem os 360 graus de paisagens abaixo de nós, para concentrar as forças para a descida. Chegamos ao cume às 16 horas. Nossos amigos ainda não estavam por perto. Não conseguiríamos esperá-los para a comemoração no cume. O dia estava lindo. Sem vento, temperatura segundo o relógio de Hugo chegou a -35 graus. Confesso que em nenhum momento senti esse frio. E contra as previsões do americano mau humorado seguimos com um dia lindo e ensolarado, agora descendo para o Campo 5. Lembrando que chegar ao cume é apenas a metade do caminho! Começamos então nossa descida. Passar novamente pelo caminho estreito sobre o

serac que antecede o cume, atentos, pois o corpo já na volta está mais cansado e todo cuidado é pouco. É na volta dos cumes que os acidentes costumam acontecer. Tínhamos todo o tempo para descer, com calma, afinal não escurecia. Algumas nuvens começaram a surgir no céu, e um pouco de vento, mas era só manter-se caminhando que não dava para sentir frio. Agora já não havia mais ninguém no cume. A maioria já havia descido. Do alto da interminável subida, avistamos nossos amigos na base. Estavam parados, recobrando um pouco as energias. Desce-mos antes que eles comesçassem a subir, nos abraçamos todos afinal parte da equipe havia chegado ao cume. Estavam cansados, mas o clima ajudava, e a hora limite para subir que havíamos definido foi um pouco estendida para nossos amigos tentarem chegar ao cume. Nós que já havíamos realizado o feito, encorajamos nossos amigos a continuar, com as mesmas palavras que Julian nos disse ao iniciarmos a última subida: “Agora falta pouco pessoal, só mais essa subida e chegarão todos lá! Força!”. Liberamos a passagem para que continuassem, e continuamos nossa trajetória. Paramos para descansar mais um pouco e recuperar a mochila do Hugo que ficou no Football Field. Mais nenhum grupo estava por ali. Agora o vento fazia-se sentir, e a temperatura baixara um pouco. Mais um pouco e chegamos ao Denali Pass, onde minha mochila ficara embaixo de umas rochas. Recuperamos, e continuamos nossa descida, agora sentindo umas bolhas novas nos dedos dos dois pés a cada pisada. Sempre na descida, por mais proteção que se coloque, por andar muitas horas, e a temperatura não estar tão fria, o pé acaba “cozinhando”, e com a inclinação acentuada do terreno, não há como não aparecerem algumas bolhas. Na subida até que conseguí a proeza de não formar tão dolorosas bolhas, como aconteceu com meu amigo. Chegamos ao acampamen-

<p><b>21 ANOS DEDICADOS À AVENTURA AGORA COM UM NOVO ENDEREÇO!</b></p>
<p><b>LOJA 1</b> (11) 3562-1801 ☎ (11) 94284-6395 Rua Apeninos, 803 - Paraíso</p>
<p><b>LOJA 2</b> (11) 3879-6800   Ramal 3 ☎ (11) 94354-2641 Rua Venâncio Aires, 31 - Vila Pompeia</p>
<p><b>www.penatrilha.com.br</b></p>
<p></p>

to às 20 horas. O tempo ainda estava bom, dava para esperá-los. A preocupação era se a nevasca chegasse. Passar dias esperando a melhor hora no Campo 5 não seria confortável. O melhor era descer quanto antes. Por rádio mais tarde recebemos a notícia de que todos haviam chegado ao cume! Ficamos muito felizes em saber, e agora era só aguardar que chegassem. Hugo e eu logo caímos no sono. No dia seguinte ficamos sabendo que Pablo e Argentos chegaram no acampamento por volta das 3 horas da madrugada.

Dia 30 de junho acordamos às 10 da manhã, organizamos os equipamentos e às 14 horas começamos a descer. As pernas um pouco cansadas, mas ainda firmes, passaram novamente sobre o estreito filo de rocha e neve, para chegar às sessões de cordas fixas. Julian nos dava segurança de cima. Parecia não ter fim. Finalmente o corredor maior de cordas fixas, com degraus marcados, até chegar ao platô, que agora, estava com duas das gretas que atravessamos na subida mais largas. A vontade de Julian era descer direto para o Campo 3 nesse dia. Tanto que não montamos a barraca ao chegar. Nos acomodamos numa cozinha pronta, cavada na neve, e tomamos um mate quente aguardando o resto do grupo que descia lentamente. O céu fechou, esfriou e começou a nevar, e nossos amigos demoraram a chegar. E quando o fizeram estavam cansados, e a vontade de descer para o Campo 3 deu espaço a mais uma noite de descanso no Campo 4. No próximo dia era descer o máximo que conseguíssemos. Com a ida direto ao cume adiantamos 4 dias da expedição. Chegáriamos na base com a estação da Ranger de plantão ainda ativa. Domingo, dia 31, começamos às 14 horas a descida ao Campo 3, onde nossos trenós aguardavam-nos ansiosamente!!! A descida entre os Campos 4 e 3 é suave, mas por um glaciar cheio de gretas, que na volta estavam mais pronunciadas. Foi preciso caminhar mais rápido que na subida para não correr o risco de alguma ponte de neve instável ceder com alguém em cima. Seguimos outra vez pelo Wind Corner, mais uma vez amigo, sem vento, para descer a parte mais angulada e voltar ao Campo 3. As bolhas gritavam. No Campo 3 recuperamos a carga enterrada que dessa vez não foi atacada. Duffles e trenós organizados, descansar, comer e ao final do dia partir rumo ao Campo 1. Novamente necessários os desajeitados sapatos de neve. Retomamos a descida as 20 horas, e como no início da jornada, estava mais nublado e frio, os corpos cansados sentiam mais a baixa temperatura. Acho que fiquei mais cansada, quando descobri que não íamos parar no Campo 1. Que a idéia era ir direto para o Campo Base, e se possível voar para a cidade logo que chegássemos. Refleti sobre minha atitude naquele dia e tentei me acalmar. Tivemos dias lindos e divertidos, eu não podia colocar tudo o que construímos até então a perder. Respirei fundo, segurei a dor das torcidas de pé e tomozelo, me esforcei para controlar o trenó, e continuamos descendo. Quanto mais descíamos, mais gretas, que na subida não existiam, apareciam. Compreendi porque Julian queria descer o mais rápido possível. Tivemos que pular algumas das gretas, e numa delas eu pulei mas o trenó enroscou, e um dos meus pés acabou voltando para dentro dela. Por sorte tinha um bloco de neve bem firme no buraco, e meu pé não afundou tanto, parou nele. Consegui sair sem ajuda, mas o trenó enroscou, e era descida, deu um certo trabalho içá-lo para o nível do terreno e continuar a puxá-lo. Ao longe no glaciar víamos os pontinhos pretos das outras cordadas que dispararam em nossa frente. Nossos amigos vinham atrás, mas não conseguíamos avistá-los. Continuamos nosso rumo, em silêncio. Na última vez em que encontramos alguém,

era o guia chileno que acompanhava nossa amiga Índia. Ele nos disse que o final tinha uma longa subida, que demoraria por volta de 1 horas para ser percorrida. No início dessa rampa, eu já havia me acalmado, mudei de atitude, para não chatear meus amigos e a mim mesma por deixá-los tristes com meu mau humor. Julian na frente, criava várias estratégias para tornar nossa subida menos desgastante. Ele também estava cansado, e para ajudar ainda teve um desarranjo intestinal durante a descida. Contamos passos, bandeirinhas... A rampa parecia não ter fim. Num determinado momento, comecei a avistar pontos pretos, fiquei na dúvida se eram pessoas ou os trenós que marcavam as bordas da pista de voo. Quando nos demos conta, finalmente era a pista de pouso!!! Que maravilha, estávamos chegando ao Campo Base, ainda não eram 6 horas da manhã. Nossos amigos estavam muito longe, não havia sinal deles. Pudemos descansar um pouco enquanto os aguardávamos. Finalmente, aquela que pareceu ser a rampa mais longa e cansativa de toda a expedição terminou. Estava frio, chovia, e mesmo com poucas forças, montamos mais uma vez nossa barraca, e nos recolhemos dentro, dormindo como os demais escaladores que aguardavam seus voos. Ao longe se ouviam algumas vozes, mas nem tentei levantar para ver quem era. O corpo pesava, e encontrou uma posição boa, em que ficou aquecido. Apagamos. Fomos acordados repentinamente por alguém batendo na barraca e chamando “Good Morning!!!”, vocês vão voar hoje? Sim!!! Assustados acordamos, parecia que tinha dormido vários dias, mas ao olharmos os relógios, tinha sido só uma hora e nos acordou a Ranger responsável pelo Campo Base que logo nos informou que em 30 minutos nosso avião chegaria e deveríamos estar com tudo pronto. Naquele momento, pensei que talvez teria sido melhor não ter pegado no sono. Tirar o cochilo só fez ter uma grande vontade de permanecer ali mesmo, mas era necessário aguentar um pouquinho mais para se entregar de vez ao descanso merecido. Era hora de partir. Hora de dividir quem iria em cada voo. Uma pessoa teria que ir sozinha, e acabei sendo a escolhida. Fiquei um pouco pensativa, voar não é meu forte, já fui pensando em histórias de pessoas que são separadas de seu grupo em voos e algo acontece em algum dos voos. Mas logo os voos começaram a chegar, e não deu muito para ficar filosofando. Precisei arrumar meu amontoado de coisas, e levar para perto de onde o voo chegaria. Voei num pequeno, e para minha surpresa, com a nossa amiga Índia. Me despedi de meus amigos Argentinos, estaríamos separados por uma hora, depois de 11 dias juntos, mas logo nos encontraríamos no conforto da civilização. O piloto tinha aparência de ser muito novo. Pouco falamos durante o voo. Eu fui convidada a ir na frente, como mais ninguém se manifestou com vontade de ir, agarrei logo a chance, para poder apreciar mais uma vez a linda montanha e seus glaciares. Ali, talvez não volte novamente. Minha amiga sentou atrás, e não tirava os olhos da janela. Tirei algumas fotos, e fiz alguns vídeos da impressionante paisagem, para ter recordações. Mas nada melhor que as imagens ao vivo e as recordações que ficam na memória! O voo é rápido, logo aterrissamos em Talkeetna. Quando descemos, puxei conversa com a minha amiga Índia. Seu nome era Aparna Kumar, ela completava com o Denali o projeto 7 cumes. O piloto e eu a parabenzizamos, e eles me perguntaram se era esse meu projeto também. Eu disse que meu projeto é subir montanhas. Mas não os 7, apesar de já ter subido alguns deles. Fui para o depósito onde retiramos as malas

e onde ficaram coisas na ida, e conversei mais um tempo com a agora amiga de nome conhecido. Essa era a segunda vez que ela ia para o Denali. Na primeira tentativa não conseguiu chegar ao cume. Ganhei um suco de frutas do guia chileno, eles partiram para seus caminhos e eu fiquei ali aguardando meus amigos. Troquei e-mail com minha nova amiga das montanhas, e ficamos de manter contato. Tiramos uma foto, fiquei feliz em estar ali tendo a oportunidade de conversar com alguém que já escalou montanhas que são o sonho de muitos montanhistas, e feliz em ver a simplicidade e humildade de alguém que fez grandes conquistas.

Logo chegaram meus amigos, eu estava ali sentada tomando um sol, tirei as botas duplas, e deixei meu pé cheio de bolhas respirar um pouco. Julian com sua facilidade em fazer amigos e se comunicar com as pessoas, descobriu que a empresa de taxi aéreo tinha um abrigo na cidade, e que tínhamos direito a ficar lá como parte da passagem aérea. Acabou conseguindo além dos dias inclusos, mais dois dias até voltarmos a Anchorage. Voltamos 4 dias antes do planejado e resolvemos explorar a região. O Alaska é lindo, há muita coisa para se fazer além de subir o Denali. Comemoramos, tomei a cerveja indicada pelo Carlão na cidade (apesar de só tomar cerveja em algumas raras ocasiões, como a artesanal do meu mestre Eliseu, mas a comemoração do cume do Denali merecia!), um bar com música ao vivo, uma casa de esquina toda decorada com equipamentos e fotos de antigos escaladores, daquelas de filmes americanos. Seguimos nos dias com a viagem no trem do Alaska até o Parque Nacional do Denali. Agora pudemos ver a floresta que fica na base da montanha, cortada por rios de degelo dos glaciares. No trem há várias categorias de bilhetes, compramos o mais simples, de circulação restrita, mas com a facilidade em fazer novos amigos de Julian, conseguimos ir até o mirante mais alto e tirar fotos lá. Chegamos ao Parque, o trem deixa praticamente dentro dele, e como em Yosemite, é tudo muito organizado. Há ônibus que leva os turistas para os diversos setores do Parque de graça. Conseguimos garantir vaga para todos, para uma noite no camping. Há toda uma estrutura para evitar ataques dos animais selvagens, que basicamente consiste em esconder toda comida e coisas com odores que possam atrair ursos e companhia. Reforcei para meus amigos a importância em seguir as regras a risca. Eles gostariam muito de ver ursos, mas eu, não queria ter a minha terceira experiências com esses que são os donos das matas no Alaska. Como todo bom amante da natureza, em nosso grupo todos conheciam a história de Alexander Supertrump, ou Christopher McCandless. O jovem americano que após se formar em faculdade importante nos EUA, entregou o diploma aos pais, desfez-se de todas as suas economias e saiu rumo ao Alaska para viver de forma simples na “Natureza Selvagem” (Into the wild). No Brasil esse é o nome do filme e livro, que foi escrito pelo jornalista e montanhista John Krakauer, quem contou a história do jovem aventureiro. Sabíamos que o ônibus que serviu de morada para o jovem, estava em algum lugar ali no Alaska. Eu já havia pesquisado sobre o assunto, e sabia que havia um ônibus, uma réplica. Mas não fiquei falando muito sobre isso. Investiguei com Julian sobre onde ficava e como poderíamos chegar até ele. O grupo topou a idéia. Ficava no vilarejo de Healy, e perguntando para guarda parques e outros moradores da região, descobrimos que era esse meu projeto também. Eu disse que paramos, havia um ponto de onde o ônibus saía de graça, de hora em hora até o local da réplica. Esta ficava numa área do restaurante

49th State Brewing Company. Nossos amigos quando souberam que era uma réplica, ficaram um pouco decepcionados, mas quando chegamos lá, ficamos felizes por termos insistido com eles em ir. O “Magic Bus”, como ficou conhecido, é o original usado para a gravação do filme. Foi transformado em um pequeno museu, onde há os objetos usados para a gravação, fotos com os originais das cartas enviadas por Chris aos amigos que fez pelo caminho, inclusive seu texto pedindo socorro quando ficou preso sem ter com sair da região pelo fato de o rio estar cheio no verão, poucos dias antes de morrer ali sozinho. Embalados ao som de Eddie Vedder (quem fez parte da trilha sonora do filme), fizemos nossas fotos como no filme. O ônibus original fica há um raio de 70 quilômetros de onde está o que visitamos, na Stamped Trail. Numa área de difícil acesso. No inverno muito gelo, e no verão rios profundos e com fortes correntes, e com histórias de várias pessoas que já tentaram chegar lá, mas se deram mal ao fazê-lo. No mapa na internet, há uma grande área que é bloqueada, sem informações, antes de chegar na localização exata do ônibus. Terras particulares? Área confidencial do governo americano? Enfim, chegar no original, ficará para uma próxima oportunidade. Do pequeno vilarejo, depois de nossas fotos e saudosismo lembrando a história do jovem, retornamos para o acampamento, agora não mais frio como no glaciar. Seguimos com um passeio, pela famosa rodovia que percorre o Alaska, famoso pelos avistamentos dos diferentes animais que vivem por ali. Nós só conseguimos ver alguns poucos a grande distância. Foram aices, veados e ursos... Mas nenhum chegou tão perto para que tirássemos boas fotos. A rodovia vai até o Eielson Center de onde se vê todo o Denali. Tivemos sorte, a dia estava lindo e conseguimos apreciar admirados a grandeza da montanha, e impressionados conversarmos entre nós, “podemos crer que estivemos lá em cima?”. Retornamos para o parque onde nosso transfer nos aguardava para a volta a Talkeetna. A volta para casa estava se aproximando! No dia seguinte, algumas horas mais em nosso transporte, e chegamos enfim a Anchorage. Aproveitamos o dia para mais uma visita a cidade, para ir mais uma vez às lojas tentações de equipamentos de montanha. Tomar o sorvete mais famoso do Alaska. Com um calor recorde no Alaska, desde os anos 50 não tinham um verão como esse, temperatura chegando a 32 graus em Anchorage, passamos a noite num hotel, todos nós divididos em dois quartos, com malas e compras espalhadas para todos os lados, e uma luta para dividir tudo entre as bolsas de forma a não pagar excesso de peso. Nossa anfitriã pediu desculpas pelo calor, vi bem o que é sofrer com a falta de preparo para enfrentar uma situação à qual não se está acostumado. As construções no Alaska estão preparadas para aguentar o frio, não o calor. No Alaska as casas são tão vedadas, que com o calor que estava fazendo, vi tenso depois de dias de frio na montanha, passar uma noite no quarto abafado e mau ventilado. Mas era só uma noite, e tudo estava bom... Afinal de contas, tínhamos todos com sucesso chegado ao Cume do Monte McKinley, Monte Denali, a montanha mais alta da américa do Norte! Um grupo de amigos, sem carregadores, dividindo toda a carga, subindo e descendo, completando com sucesso em 11 dias a bela jornada. Agora finalmente era hora de voltar para casa. Ainda pensativos sobre os dias que passamos na montanha, ainda sem acreditar no que havíamos feito. O meu era o primeiro voo, e mais uma vez, como comecei a jornada, terminei... Embarcando sozinha, revendo os passos que me levaram até ali, filosofando sobre a vida, e as próximas montanhas que sonho e desejo subir.

# OS PARQUES DO ESPINHAÇO (XVI): OS CHAPADÕES DE CERRADO

“Se a Natureza decidir opor-se a nós, lutaremos e a obrigaremos a se sujeitar.”

Simón Bolívar

“Onde o gado antes atolava, agora passa sede.”

Damastor Alves de Souza

Você conhecerá dois parques próximos e parecidos, longos chapadões recobertos por um cerrado árido, numa condição bastante monótona. Mas acredito que eles são necessários para a preservação da pouca natureza que hoje nos resta.

Alberto Ortenblad | SP



Gostaria de começar transcrevendo um texto bem sugestivo do site do IEF, que editei levemente: As populações locais reivindicam a preservação dos mananciais e do domínio público das áreas onde se inserem as nascentes dos cursos d’água para o uso das pessoas, bem como o livre acesso aos gerais, antes serventia de todos e agora, não sabem como, de donos que plantam eucalipto, fazem carvão, acabam com os frutos de livre apanha anterior e secam as águas.

Como resultado das necessidades acima, foi formado em 2007 o Parque Estadual Caminho dos Gerais, ao longo da mesma Serra Geral que acolhera mais ao sul o PE da Serra Nova. É uma unidade grande, com 56.240 ha, entre os municípios de Mamonas, Monte Azul, Gameleiras e Espinosa, dos quais os dois últimos contribuem com a maior parte da área. Tem a forma de um C alongado, com comprimento de talvez 55 km e largura média de até 12 km. Destas cidades, só Espinosa e Monte Azul têm digamos um tamanho médio, as demais sendo meros vilarejos. Foi Gameleiras quem liderou a criação do Parque, devido à falta d’água causada pelo plantio de eucalipto, que tem o nocivo efeito de ressecar o solo. A área do Parque encontrava-se grandemente desmatada, pois os fazendeiros produziam carvão vegetal, mas não criavam gado.

Havia uma única empresa que detinha 20 mil ha, mais da metade dos quais reflorestados. Uma centena de pequenos proprietários possuía os demais 36 mil ha. Curiosamente, foram necessários apenas três anos para estabelecer a reserva, talvez devido ao baixo rendimento que a terra propiciava, facilitando sua transferência. Está indenizada, mas aparentemente não paga, numa situação bastante comum com o IEF.

A cobertura vegetal corresponde àqueles campos altos, áridos e pedregosos típicos das cristas deste trecho do Espinhaço, com as arboletas lenhosas, os arbustos esparsos e as gramíneas rasteiras do cerrado. É curioso encontrar bosques dispersos de eucalipto dentro do campo, fruto das atividades passadas – estão sendo progressivamente absorvidas pela vegetação nativa.

A fauna é bastante presente, com espécies raras favorecidas pelo relativo isolamento destas regiões despovoadas. Desta vez, felinos não são tão raros, com vários relatos de onças pintadas.

O PEGC pertence à vertente ocidental da cordilheira, fazendo com que seus muitos cursos d’água vertam para a bacia do São Francisco. Existe nada menos do que uma dúzia de nascentes identificadas dos córregos da região. O clima é seco, com chuvas razoáveis. Seu relevo é predominantemente plano, com altitude de 1.100m, compondo um chapadão meio feioso, sem aquelas paredes expostas de bela aparência. Há estradas por Mamonas e Barrinha a leste e por Gameleiras a oeste. Usamos o primeiro destes acessos - ao chegar no alto do chapadão, pode-se escolher a esquerda ou direita. No primeiro caso, a direção será sul e você chegará depois de 21 km bastante monótonos ao pequeno lago da Barrinha. É uma região sombreada, com o frescor da água, mas nada tem de especial. Percorri cerca de 45 km dentro do PE junto com Damastor Souza.

A ocasião em que visitei o PEGC era outono e as copas das árvores estavam coloridas de amarelo, ocre, verde e sépia, num bonito mosaico de cores, realçado pelo vermelho do capim gordura. Junto havia a generosa sombra de um jatobá, espécie bastante comum no local. Se você escolher a direita na encruzilhada, percorrerá uma região idêntica à anterior, apenas mais acidentada. A maior atração é a pequena Cachoeira da Capivara, que verte num belo poço. A sede é situada na Fazenda Grande Sertão – não a visitei e soube que se encontrava deteriorada.

O povo desta região seca tem grande atração pelas cachoeiras – há duas delas no planalto lá em baixo, Pajeú em Monte Azul e Maria Rosa em Mato Verde, respectivamente a 17 e 12 km das sedes, ambas com fácil acesso. Não são altas nem volumosas, mas ocupam locais bonitos, de muita vegetação.

**Serra dos Montes Altos**  
A Bahia conta que eu saiba com apenas cinco

Parques Estaduais, sendo três deles na região da Chapada. O Parque Estadual Serra dos Montes Altos foi criado devido à demanda das comunidades próximas, para proteção de sua natureza. Com 18.490 ha (ou 42.000 ha, se computada a área de amortecimento), abrange seis municípios do sudoeste baiano, dos quais o mais populoso é Guanambi. Os maiores centros regionais são Montes Claros a sul e Vitória da Conquista a leste, a cerca de 300 km. Esta é uma região relativamente elevada, com altitudes de até 1.300m. Seu isolamento geográfico favorece a presença de mamíferos de porte. A fauna é a usual, com animais de médio porte, abundância de aves e muitos ofídios. Os felinos são diversos: onças pintada, preta e parda, jaguatirica, gato mourisco (preto e laranja) e maracajá (pintado). Existem relatos do cachorro vinagre, um cão pequeno avermelhado cujas patas têm membranas que o tornam semiaquático. Aves como zabelês, ciganas e jacupembas são avistadas.

A cobertura vegetal varia das caatingas rasteiras e arbóreas aos cerrados, campos rupestres e matas de galeria. Mas tem uma variedade interessante: palmeiras licuri, que são relativamente raras; barrigudas, umburanas e itapicurus, que aparecem na mata seca; jatobás, angicos e jacarandás, que são típicas do cerrado.

Foram identificadas na região do Parque uma centena e meia de nascentes, das bacias dos Rios Espinho, Verde Pequeno e Verde Grande. Destes, o principal é este último, um dos maiores afluentes do São Francisco, com 560 km de extensão. Se ele é um curso mineiro, seu afluente Verde Pequeno percorre longamente a divisa com a Bahia. Atravessam regiões de agropecuária e agricultura irrigada. Isto não impediu, numa recente estação seca, que o Verde Grande simplesmente secasse.

O Parque apresenta uma face mais abrupta do lado leste, de Candiba e Guanambi. O visual é muito bonito, com o recorte retilíneo da crista da serra percorrendo o horizonte desde Urandi até Palmas de Monte Alto. O lado oposto, voltado para Sebastião Laranjeiras, é mais suave. Existem acessos por Palmas ao norte, Candiba a leste e Laranjeiras a oeste. Ele tem provavelmente um comprimento de 50-55 km, mas é bem estreito, talvez apenas 8 km. É um grande chapadão, na altitude de 1.200m, num desnível de 650m em relação aos campos de baixo.

Ingressamos nele por Palmas de Monte Alto, foram 22 km de asfalto mais 4 km em terra até o início do Parque, dentro do qual percorremos 32 km. O percurso foi de jipe, com emocionantes trechos de barrancos e areões, de rampas e depressões, sob a displicente condução do baiano Bebê. Eu havia antes atravessado talvez 15 km, em ambos os casos com o guarda parque João Carlos Prates.

Este Parque aparentemente dispõe de atrativos mais interessantes. A graciosa Cachoeira do Buracão é alcançada por uma pequena trilha encosta abaixo. A Casa de Pedra é

uma antiga estrutura para processamento do salitre, perto da qual você poderá conhecer a Cachoeira do Brucunum, uma bonita queda pequena. Mais interessante me pareceu a Cachoeira da Mandiroba, maior e mais espaçosa. Ela pode ser acessada a pé a partir de Mutãs, são apenas 8 km serra acima. O Pico da Tabatinga e a Pedra Três Irmãos são outras atrações, mas não as conheci. Além do belo mirante da Fazenda Andes, o PESMA contém pinturas rupestres, das quais o maior sítio é o da Toca dos Tapuios. O acesso exige uma caminhada de 3 hs no lado oeste da serra. Há também um sítio rupestre modesto entre o Brucunum e a Mandiroba e sabe-se lá mais quantos escondidos pelo cerrado. Neste mesmo lado, existe a Cachoeira da Catinguiba, com paredões de 50 m, mas são necessárias pelo menos 4 a 5hs para alcançá-la.

**Uma Justificativa**

Mas devo reconhecer que estas duas reservas não são de fato visualmente interessantes – são extensões planas e cansativas, recobertas por vegetações relativamente pobres, sem belos acidentes como serras, poços, veredas ou cachoeiras. Porque então foram escolhidas como unidades de conservação?

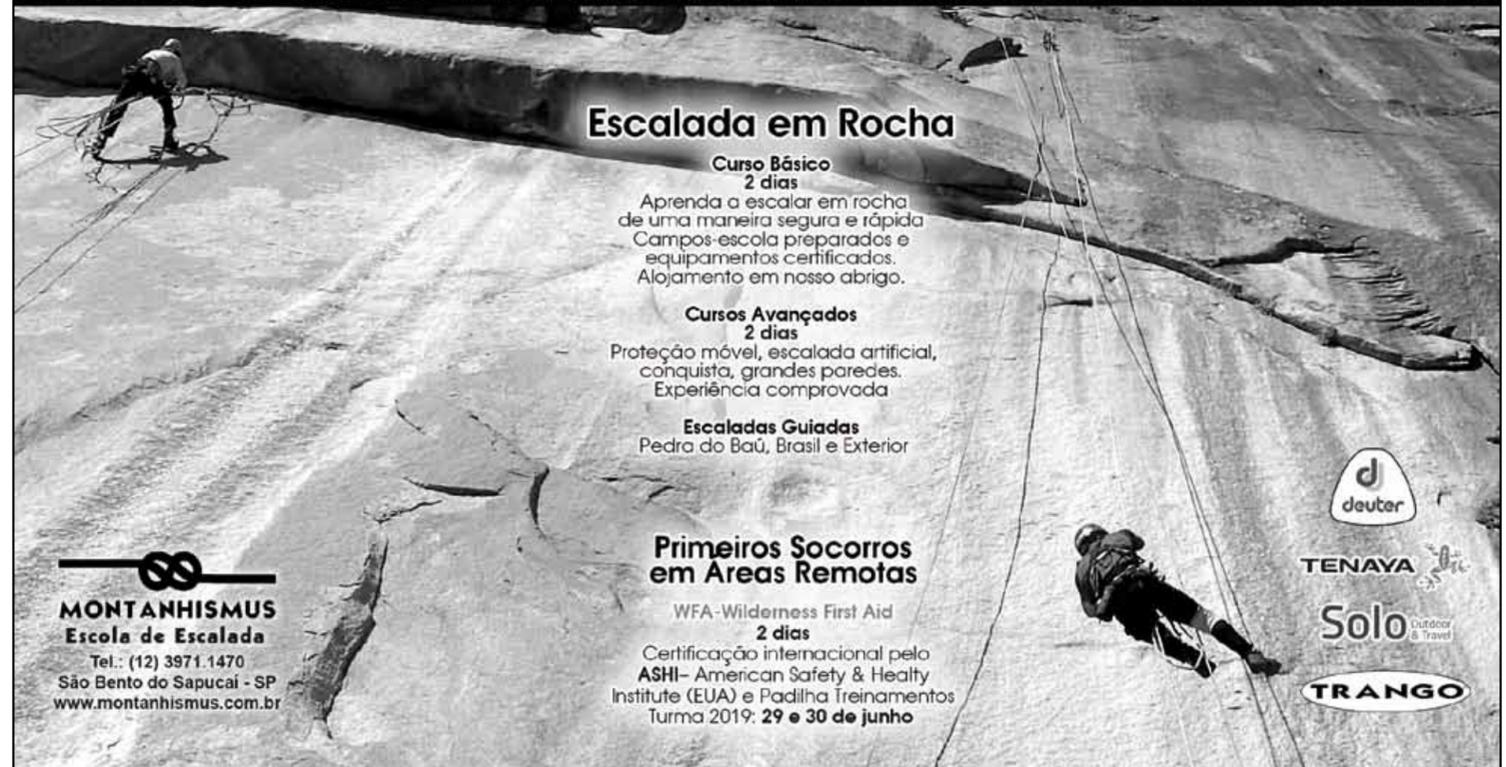
Nossa tendência é considerar válidos os parques cênicos e variados. Porém nem sempre são criados segundo os critérios turísticos ou estéticos. Razões ligadas à conservação são mais importantes. Considere por exemplo o cerrado, que é uma vegetação de aspecto pobre – porém extremamente rica em termos alimentícios e medicinais – que está desaparecendo em nosso país.

Considere ainda a preservação da fauna. Existem animais, como o lobo e a onça, que necessitam de vastas extensões para sua sobrevivência, pois são grandes andarilhos. Ou a paca e a capivara, cujo habitat são os extensos banhados. E toda uma população de aves que se alimenta de frutos específicos ou se abriga sob determinadas árvores. Durante esta viagem, atravesséi uma região agropastoril onde a soja compete com o pasto, ambos extinguindo os poucos remanescentes da flora original. As fazendas são obrigadas a manter 20% de sua área em vegetação nativa como reserva legal. E elas assim faziam, distribuindo retalhos inúteis ao longo do caminho, onde a natureza original nunca poderia prosperar em espaços tão dispersos e confinados.

Assim, bemvidos esses parques feios, onde a natureza possa sobreviver, mesmo sem a admiração de nossos olhos.

Nos dois capítulos finais, você ingressará na Chapada Diamantina, um território gigantesco que desconfo apresentar muitas outras belezas além das fantásticas atrações do Parque Nacional no seu centro. Alberto Ortenblad, São Paulo ortenblad@terra.com.br

# Desde 1989 formando montanhistas e escaladores



## Escalada em Rocha

**Curso Básico**  
2 dias  
Aprenda a escalar em rocha de uma maneira segura e rápida. Campos-escola preparados e equipamentos certificados. Alojamento em nosso abrigo.

**Cursos Avançados**  
2 dias  
Proteção móvel, escalada artificial, conquista, grandes paredes. Experiência comprovada.

**Escaladas Guiadas**  
Pedra do Baú, Brasil e Exterior

**Primeiros Socorros em Areas Remotas**  
WFA-Wilderness First Aid  
2 dias  
Certificação internacional pelo ASHI- American Safety & Healthy Institute (EUA) e Padilha Treinamentos Turma 2019: 29 e 30 de junho

**MONTANHISMUS**  
Escola de Escalada  
Tel.: (12) 3971.1470  
São Bento do Sapucaí - SP  
www.montanhismus.com.br

deuter  
TENAYA  
Solo  
TRANGO

# EQUINOX MOCHILA DE ESCALADOR

PROJETADAS POR ESCALADORES  
DURABILIDADE SUPERIOR

MODULARIDADE E POLIVALÊNCIA  
MENOR PESO EM SUAS CATEGORIAS

CARACTERÍSTICAS: SÓ O QUE FUNCIONA!  
MELHOR CUSTO-BENEFÍCIO



KIIHÚ 2.0  
SÍNTESE 2.0  
GRANDE LESTE 2.0

EQUINOX

## Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

*Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.*  
Editor: Eliseu Frechou  
Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000.  
E-mail: contato@montanhismus.com.br  
Web site: www.mountainvoices.com.br  
Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/04/2020.

Nome.....  
Endereço.....  
Cidade..... Estado.....  
CEP..... Telefone.(.....).....  
E-mail.....  
Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....  
Já participou de: ( ) Campeonato ( ) Encontro ( ) Palestra  
Que modalidade pratica com mais assiduidade: ( ) Caminhada  
( ) Escalada tradicional ( ) Escalada esportiva ( ) Boulder

( ) Assinatura Mountain Voices - R\$ 30,00  
( ) Renovação assinatura - R\$ 20,00  
( ) Assinatura 2 anos - R\$ 40,00  
( ) Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar  
( ) Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00  
( ) Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 25,00

**171**

Total .....00

CESAR GROSSO  
TETO DO BAU  
EM LIVRE

RESISTÊNCIA  
MINERAÇÃO, NAÇI

CHAPADÕES DE CERRADO  
ESPINHAÇO

ESPORTIVA ESCALADA MONTANHISMO

Capa: Cesar Grosso na via do Teto da Pedra do Baú. São Bento do Sapucaí - SP  
Imagem Rosita Belinky



# ROCKX



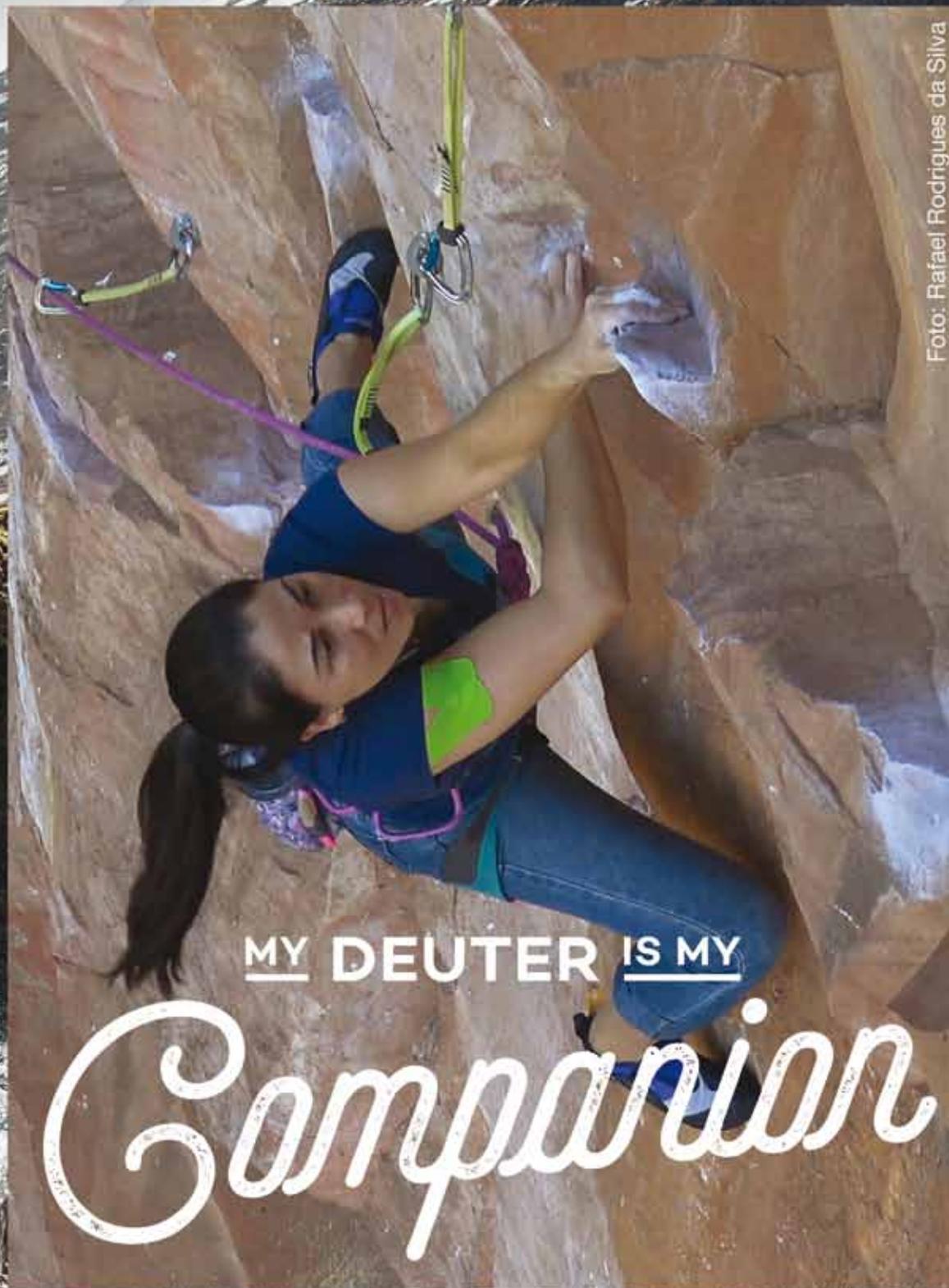


Foto: Rafael Rodrigues da Silva

MY DEUTER IS MY  
*Companion*

ANA LÍGIA FUJIWARA - ATLETA DEUTER